

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ENTRE O LIVRO E A LEITURA: UM CLIC DE MEDIAÇÃO**

**ANA ELISA PRATES**

**DR. VERA TEIXEIRA DE AGUIAR  
ORIENTADORA**

**PORTO ALEGRE**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ENTRE O LIVRO E A LEITURA: UM CLIC DE MEDIAÇÃO**

**ANA ELISA PRATES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**DR. VERA TEIXEIRA DE AGUIAR  
ORIENTADORA**

**PORTO ALEGRE**

**2009**

ANA ELISA PRATES

**ENTRE O LIVRO E A LEITURA:  
UM CLIC DE MEDIAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 11 de janeiro de 2010

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar - PUCRS



---

Profa. Dr. Fabiane Verardi Burlamaque - UPF



---

Profa. Dr. Regina Kohlrausch - PUCRS

*Às crianças do CLIC*

## **AGRADECIMENTOS**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Ensino Superior (CAPES), pela concessão de bolsa por quota para a realização do curso de Mestrado em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

À Direção e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pela constante e eficiente instrução.

Ao Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, na pessoa do Diretor José Francisco Bergamaschi e das funcionárias Maria de Fátima da Rocha Genro Cony e Raquel Costa Maiato, pelo constante zelo prestado ao CLIC, e do motorista Carlos Fernando Júnior, por tornar mais fácil chegar à Vila Fátima;

Às secretárias Mara Rejane Martins Nascimento e Isabel Cristina Pereira Lemos, pela atenção prestada a cada informação solicitada.

A Vera Teixeira de Aguiar, por ter apresentado-me ao CLIC e, sobretudo, por acreditar.

A todos os mediadores do CLIC, pelos momentos compartilhados.

A Katiane Crescente Lourenço, pela amizade e companheirismo.

Ao amigo Nilton Filho pelo apoio de toda hora e pela direção de “cena”.

Aos meus pais, Ilza e Baltazar, que sempre me ajudaram a olhar.

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovaldlof, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areias, depois de muito caminha, o mar estava na frente de seus olhos. E foi a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:*

*- Me ajuda a olhar!*

*Eduardo Galeano*

## RESUMO

O presente estudo propõe avaliar uma ação de formação do leitor literário em oficinas extraclasse, voltada a crianças de 7 a 14 anos e em situação de risco social. Centramos nossa investigação na Oficina de Literatura e Biblioteca da ação continuada denominada CLIC, do Centro de Estudos Literários - Núcleo de Leitura Literária e Multimídia-, e desenvolvida junto ao Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, da PUCRS, Porto Alegre/ RS. Buscamos analisar as dinâmicas propostas, os recursos materiais e tecnológicos oferecidos e o papel do mediador. Além disso, ouvimos 20 crianças, frequentadoras regulares da Oficina, a fim de identificar a maneira como essas crianças reconhecem o espaço do CLIC. As informações coletadas, por meio das técnicas de observação participante e da entrevista, foram interpretadas e analisadas à luz da Teoria da Leitura. A apresentação dos dados está organizada a partir dos estudos que, primeiramente, tecemos acerca da leitura, da leitura literária e da mediação, do contexto da Vila Fátima, do propósito e das dinâmicas do CLIC e, em particular, da Oficina de Literatura e Biblioteca. Dessa forma, os resultados alcançados contribuem para a qualificação constante do processo de formação de leitores desenvolvido no CLIC.

Palavras-chave: leitura; literatura; formação do leitor; mediação de leitura.

## RÉSUMÉ

Le travail présenté a pour objet l'évaluation, dans des ateliers extrascolaires, d'une action de formation littéraire d'enfants lecteurs âgés de 7 à 14 ans et défavorisés socialement. Nous avons centré notre recherche sur l'atelier de littérature et la bibliothèque de l'action continue appelée CLIC, du Centre d'Études Littéraires - Noyau de Lecture Littéraire et Multimédia. Une action développée dans le cadre du centre de formation universitaire Vila Fátima de la PUCRS de Porto Alegre, Brésil. Nous avons voulu analyser la dynamique de l'offre, les ressources matérielles et technologiques mises à disposition et le rôle du médiateur. Par ailleurs, nous avons conduit des entretiens avec 20 enfants, usagers réguliers de l'atelier, dans le but d'identifier de quelle manière ces enfants considèrent l'espace du CLIC. Les informations collectées grâce à la technique de l'observation participante et de l'entretien ont été interprétées et analysées à la lumière d'une théorie de la lecture. La présentation des données a été organisée à partir d'études qui d'abord tissent des relations entre la lecture, la lecture littéraire et le travail de médiation dans le contexte de la Vila Fátima et qui ensuite rendent compte du projet et des dynamiques du CLIC, en particulier dans l'atelier "littérature et bibliothèque". Ainsi, les résultats obtenus contribuent à la reconnaissance permanente du processus de formation des lecteurs développé par le CLIC.

Mots-clefs: lecture; littérature; formation du lecteur; médiation de lecture.



## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>8</b>
<b>1 FORMAÇÃO DO LEITOR.....</b>	<b>13</b>
1.1 LEITURA.....	13
1.2 LEITURA DA LITERATURA.....	20
1.3 MEDIAÇÃO.....	26
1.4 LEITURA NO BRASIL.....	33
<b>2 CLIC – UMA AÇÃO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO.....</b>	<b>38</b>
2.1 CONTEXTO DA VILA FÁTIMA.....	38
2.3 DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO.....	46
<b>3 CAMINHOS DA PESQUISA.....</b>	<b>51</b>
3.1 DIREÇÃO DO OLHAR.....	51
3.2 ESCOLHA DOS SUJEITOS.....	53
3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS.....	53
3.4 REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	55
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS.....	56
<b>4 OFICINA DE LITERATURA E BIBLIOTECA: AÇÃO MEDIADORA.....</b>	<b>59</b>
4.1 DINÂMICAS DE MEDIAÇÃO.....	59
4.2 ESPAÇO E RECURSOS MATERIAIS.....	70
4.3 VOZ DA CRIANÇA.....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE – MODELO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A – MODELO DE REGISTRO DIÁRIO.....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO B – REGISTROS DIÁRIOS – ALGUNS EXEMPLOS.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO C – ENTREVISTAS.....</b>	<b>118</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O avanço na construção de um país leitor passa por um processo consistente de formação de leitores aptos a absorver o conhecimento e relacioná-lo com o mundo que os cerca. Segmentos da sociedade brasileira, dentre os quais a universidade, preocupados com as dificuldades de leitura, muitas vezes decorrentes da precariedade e ineficácia do sistema de ensino, procuram caminhos para reverter tal situação.

O Mapa das Ações do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) do Ministério da Cultura apresenta, em seu cadastro, ações, tanto de iniciativas governamentais, como da sociedade civil. Verificamos algumas dessas ações de promoção à leitura das instituições de ensino superior. Destacamos algumas dessas experiências. “Rodando as leituras com a estante circulante”, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, promove ações de incentivo à leitura de textos literários e/ou informativos, de autores selecionados da literatura infantil e juvenil. A Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, promove as rodas de leitura e oficinas de criação literária, oferecidas pela Biblioteca Comunitária da Universidade. Sua finalidade é propiciar a aproximação de crianças, jovens e adultos dos conceitos teóricos e da prática de produção da poesia denominados “Vivenciando a poesia”. A iniciativa de formação de leitores junto à comunidade de baixa renda do município de Pau de Ferros/RN, realizada por alunos voluntários e de responsabilidade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, acontece por meio de ações metodológicas e visitas de uma biblioteca ambulante, como é o caso do projeto “BALE: Biblioteca ambulante e literatura nas escolas”.

No Rio Grande do Sul, apresentamos o “Centro de Referência e Múltiplos Espaços da Leitura”, da Universidade de Passo Fundo. Espaço de pesquisa e incentivo à leitura, aberto ao público, em especial o escolar, tem por objetivo principal formar leitores em diferentes linguagens, numa perspectiva crítica e cidadã, tendo por base uma noção de leitura que a considere tanto uma atividade individual como uma prática social. Outra iniciativa, intitulada “Laços de leitura: uma atitude cidadã”, propõe como ação partilhar obras clássicas, formando grupos de leitura em

creches, escolas, casas de passagem, asilos e hospitais, envolvendo alunos voluntários do curso de Letras da Universidade Luterana do Brasil, ULBRA/São Jerônimo.

Na Pontifícia Universidade Católica/RS, Faculdade de Letras, dois centros de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras realizam ações direcionadas à leitura literária. O Centro de Referência e Desenvolvimento da Linguagem CELIN promove a leitura de literatura voltada ao público infantil em dois projetos no Hospital São Lucas da PUCRS. O primeiro tem por objetivo criar um espaço de formação leitora e de lazer no Setor de Pediatria do hospital que incentive as crianças enfermas e seus acompanhantes a desenvolver a imaginação, através do prazer da leitura. O segundo busca integrar Literatura Infantil e Medicina Pediátrica pela ação conjunta de alunos do Curso de Graduação em Letras e da pedagoga responsável pela recreação do Centro de Internação Pediátrica do hospital. Esse projeto visa à promoção de diferentes formas de comunicação através de poemas e contos infantis como auxiliares na reintegração entre paciente e realidade externa ao hospital, com vistas à formação de leitores em ambientes especiais.

É para a ação de leitura do Centro de Estudos Literários, Núcleo de Leitura Literária e Multimídia que direcionamos nossa atenção. Promove a ação continuada de formação de leitores denominada CLIC (nome próprio originário da sigla do extinto Centro de Literatura Interativa da Comunidade), no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, na periferia de Porto Alegre. A iniciativa tem a finalidade de atender às necessidades da comunidade de inserir-se na cultura letrada, a partir da leitura da literatura em distintos suportes e por meio de oficinas temáticas destinadas a crianças de 7 a 14 anos em situação de vulnerabilidade social.

Nesse viés, propomo-nos a avaliar a ação do CLIC na formação do leitor literário em Oficinas desenvolvidas em espaço extraclasse. Com vistas à qualificação constante do processo de formação de leitores ali realizado dirigimos nosso foco à Oficina de Literatura e Biblioteca. A investigação insere-se nos estudos que compreendem a formação do leitor, voltados à literatura infantil e juvenil, leitura e ensino, dentro da ampla área de concentração da Teoria da Literatura.

Os aspectos que nos levaram a esse estudo específico foram a legitimidade que a ação do CLIC tem conquistado desde que iniciou, em 1997, sua intenção de promover a cultura da leitura literária das crianças da Vila Fátima e de preparar mediadores capacitados tecnicamente para formar leitores, o contexto da Vila Fátima, no qual é indispensável a inclusão das crianças na cultura letrada, e a dinâmica do projeto, que consiste em oferecer oficinas temáticas diárias.

Por esse enfoque, interrogamos: em que medida a Oficina de Literatura e Biblioteca contribui para a formação leitora das crianças participantes do CLIC? Para responder Quais são as dinâmicas propostas pela Oficina e quais são as reações das crianças aos estímulos propostos pelas dinâmicas? Quais os recursos materiais e tecnológicos oferecidos dentro do espaço CLIC? Qual a importância do mediador para a introdução das crianças ao ambiente do CLIC? Como as crianças participantes reconhecem o espaço do CLIC?

Em termos teóricos, a pesquisa versa sobre as condições e a evolução da prática de leitura e suas consequências, a atuação da mediação e a compreensão de conceitos de dimensão social da leitura e de distribuição do capital cultural.

Do ponto de vista metodológico, elegemos a pesquisa qualitativa e o estudo de campo, que permitiram a participação direta da pesquisadora na realização da Oficina. Além disso, foram entrevistadas 20 crianças em atividade contínua na Oficina de Literatura e Biblioteca, as quais constituem nosso objeto de pesquisa. Os dados resultantes dessas diferentes técnicas foram sistematizados e compõem o *corpus* de análise da dissertação.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, tratamos de apresentar os conceitos de leitura, de leitura literária e de mediação, por meio de uma revisão teórica de estudiosos que se dedicam ao assunto. Nesse mesmo capítulo, traçamos o panorama da leitura no Brasil, apresentando dados de pesquisas realizadas recentemente.

No segundo capítulo delineamos o contexto da Vila Fátima, através de depoimento e dados sobre as condições sócio culturais do lugar. Além disso, descrevemos os propósitos da experiência do CLIC e os desdobramentos que a ação tem alcançado ao longo de sua história até os dias atuais.

Apresentamos no terceiro capítulo a pesquisa de campo e a sistematização dos dados da investigação. Finalizando, no quarto capítulo, demonstramos os resultados da análise e interpretação dos dados.

Descrever, explicar e compreender a Oficina de Literatura e Biblioteca do CLIC é pôr em cena ações de mediação cultural que precisam ser estudadas, para delas extrair coordenadas que possam contribuir para um movimento mais orgânico de formação de leitores na sociedade.

*Talvez a ciência pedagógica não diga tudo, se não for animada por um sopro sentimental, que aproxime do lirismo da vida quando apenas começa; desse lirismo que os homens, com o correr do tempo, ou perdem, ou escondem, cautelosos e envergonhados, como se o nosso destino não fosse o de sermos humanos, mas práticos.*

*Cecília Meireles*

# 1 FORMAÇÃO DO LEITOR

## 1.1 LEITURA

Em nossa sociedade, as práticas de leitura constituem uma necessidade para todas as pessoas. Exemplos básicos de leitura em nosso cotidiano não faltam: letreiros de ônibus, placas de ruas, caixas eletrônicos, receitas culinárias, manuais, entre tantos outros. A leitura também está presente no aprimoramento profissional, exigência constante no mundo do trabalho. Recorremos aos escritos, que nos circundam em diversos suportes, tais como impressos, eletrônicos e outros, para compreender os acontecimentos no mundo. Pela leitura, o ser humano não só absorve o conhecimento, mas também pode transformá-lo, em um processo de aperfeiçoamento contínuo. Segundo Vera Teixeira de Aguiar (2004), a leitura é um processo de comunicação que, todavia, somente acontece quando leitor de fato apreende o conteúdo lido e posiciona-se frente a ele; ocorre, assim, o ato de ler. A autora define a leitura como:

[...] uma atividade de percepção e interpretação dos sinais gráficos que se sucedem de forma ordenada, guardando entre si relações de sentidos. Ler, assim, não é apenas decifrar palavras, mas perceber sua associação lógica, o encadeamento dos pensamentos, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar as idéias e as intenções do autor, relacionar o que foi apreendido com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, tomando posições com espírito crítico, e utilizar os conteúdos adquiridos em novas situações (2004, p.61).

Por outro lado, em texto publicado em 1982, Paulo Freire reflete sobre a importância do ato de ler através do entendimento crítico da alfabetização, da leitura e da biblioteca popular. Nessa visão, a leitura “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (2008, p.11), em uma associação contínua entre texto e

contexto. Para o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2008, p.11), ou seja, ler as mensagens do ambiente que nos rodeia e extrair um sentido delas é fundamental para a leitura da palavra. Daí vem a importância da leitura crítica da realidade, pois ela também é um instrumento de mudança social.

François Bresson, em sua pesquisa sobre a leitura e suas dificuldades, frisa que vivemos em um ambiente pleno de escritos, em que a possibilidade da leitura é extraordinária, como “fenômeno cultural, portanto, e realmente pouco natural: não podemos prescindir de um ensino para ter acesso à leitura” (1996, p. 34). Para Aguiar (2004), estar alfabetizado, ter a capacidade de ler um texto escrito deve ser um direito para todo indivíduo nas sociedades modernas, na medida em que a história é registrada diariamente por meio dos sinais gráficos. Em outras palavras, para a conquista plena da cidadania, a capacidade de leitura é ainda mais essencial, pois, ao atribuir sentido ao texto escrito, o homem habilita-se a tomar um posicionamento decisivo frente à sociedade.

Historicamente, é a escola o principal lugar para desenvolver a capacidade leitora, ou seja, atribuir sentido ao texto escrito. A partir do século XVIII, na Europa e, por conseguinte, na sociedade ocidental, a leitura passa por intensos incentivos. Regina Zilberman (1993) salienta, referindo-se à história social da leitura, que esse período reside sob signo da revolução permanente, que se manifesta em distintos planos: no econômico, reflexo da revolução industrial, associado às modificações tecnológicas e científicas; no político, pela revolução democrática e o progresso das formas de participação popular; por fim, no cultural, revolução marcada pelas possibilidades de acesso ao saber. Sobre essa última, a revolução cultural, a autora diz:

Esta decorreu, de um lado, da multiplicação dos meios de reprodução mecânica que difundem os bens culturais, antes privilégio de uma elite social e intelectual, [...] e, de outro, o fato advém da ampliação do sistema escolar que, começando sua tarefa pela alfabetização, propicia o aumento do público leitor e fortalece modalidades de expressão que não mais se transmitem através dos códigos oral e visual [...], mas por intermédio da escrita (1993, p.12).



O fenômeno cultural, transcorrido nessa época, segundo Zilberman, assegura um mercado ativo e exigente, por meio da concretização de um público leitor, determinante na mudança da circulação da cultura, o que a torna acessível a todo cidadão, de forma mais democrática e popular. Portanto, para manter a expansão contínua da indústria da cultura, são necessários novos contingentes de consumidores, e a escola, como meio de iniciação à sociedade, envolvida ideológica e pedagogicamente com valores vigentes colabora na sua consolidação. A escola converte-se, portanto, por meio da leitura do texto escrito, no elo da criança com a cultura. Os motivos apontados por Zilberman, que levam a leitura a promover o acesso do jovem ao conhecimento são:

- a) dar acesso à leitura significou estimular uma indústria nascente – a da tipografia - que vinha se desenvolvendo bastante no período e descobria formas específicas de impressão, tais como o livro, o jornal, o folhetim;
- b) a tradição do saber no Ocidente tinha optado, desde a Antiguidade, pelo livro como receptáculo privilegiado dos produtos intelectuais e da tradição, em detrimento de outras possibilidades de expressão, como são, por exemplo, as de ordem visual;
- c) o caráter econômico do código escrito facilitou a difusão deste, já que detém grande capacidade de condensação, ao utilizar o alfabeto, que se caracteriza pela transcrição dos fonemas, e não das sílabas ou palavras inteiras, sendo este o fator que lhe garante a funcionalidade (1993, p.13).

Roger Chartier, no estudo sobre novas modalidades da escrita entre o século XV e XVIII na Europa, exemplifica como essa competência leitora trouxe mudanças nas práticas de leitura (traduzidas em gestos, em espaços, em hábitos) e consequências nas relações sociais.

Destaca Chartier (1994) a atenção prestada à maneira como se opera o encontro entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, retomando termos de Paul Ricoeur. Reconstruir em suas dimensões históricas esse processo de “atualização” de textos exige, inicialmente, considerar que as suas significações são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores.

A divisão entre alfabetizados e analfabetos, essencial, mas rude, não esgota as diferenças em relação ao escrito. Aqueles que são capazes de ler textos não o

fazem da mesma maneira, e há uma grande diferença entre os letrados talentosos e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender, ou que só se sentem à vontade com algumas formas textuais ou tipográficas. Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos e procedimentos da interpretação.

Chartier assegura, ainda, que a relação mística com o livro sucede diversos momentos da leitura: prazer, interrupção da leitura, abandono do livro. Observar, assim, as redes de práticas e as regras de leituras próprias às diversas comunidades de leitores é uma primeira tarefa para se chegar a uma história da leitura preocupada em compreender, nas suas diferenças, a figura paradigmática desse leitor que é um furtivo caçador.

Numerosos leitores somente apreendiam os textos graças à mediação de uma voz que os lia, assevera. Compreender a especificidade dessa relação com o escrito pressupõe não considerar toda leitura como forçosamente individual, solitária e silenciosa, mas, ao contrário, realçar a importância e a diversidade de uma prática que teria, em grande escala, desaparecido: a leitura em voz alta.

Chartier refere-se a duas proposições de Michel de Certeau. A primeira, de que a leitura não é jamais limitada, não podendo, assim, ser deduzida dos textos dos quais ela se apropria. A segunda, de que as táticas dos leitores, insinuadas nesse lugar próprio produzido pelas estratégias da escrita, obedecem a regras lógicas, modelos. Construir comunidades de leitores como sendo *interpretive communities*, observar como as formas materiais afetam os seus sentidos e localizar a diferença social nas práticas mais do que nas diferenças estatísticas são muitas das vias possíveis para quem busca entender a atividade leitora.

O autor explica que estar alfabetizado foi condição imperiosa para o aparecimento da leitura na intimidade e que “a relação pessoal com o texto lido ou escrito libera de antigas mediações, subtrai aos controles dos grupos, autoriza ao recolhimento” (1991, pg.119). Surge, assim, uma nova relação do homem com a divindade, com os outros e os poderes, e maior emancipação do homem em relação aos modos tradicionais da vivência que unem o indivíduo a sua comunidade. Mas, afóra os diferentes graus de conhecimento, que conduzem a leituras mais ou menos

hábeis, afirma Chartier (2001), existem outros fatores que influenciam os modos de leitura: os interesses, os hábitos, as intenções e as técnicas de leitura determinam relações variadas com os textos.

Na sociedade de classe, como a nossa, observa Aguiar (1988), em que interesses divergentes estão em permanente embate pela prevalência de poucos sobre os demais sujeitos, o texto escrito torna-se o elemento essencial da leitura. Desse modo, a reunião do conhecimento pela palavra escrita, uma conquista sobre a memória, é apropriada pelas classes dominantes, excluindo das decisões do grupo todos aqueles que não são capazes de decodificá-lo. Conclui a autora:

Assim, as sociedades gradualmente se dividem em segmentos cultos e incultos, tomando como critério distintivo o domínio do código linguístico escrito. Do ponto de vista histórico, a situação de desigualdade entre elementos alfabetizados e analfabetos produziu uma relação de domínio dos primeiros sobre os segundos, que se acrescentou a todas as outras formas de dominação social (1988, p.10).

Igualmente, supervalorizar o código escrito e o livro, que media o conhecimento, implica não considerar outras leituras possíveis fora da língua escrita. Por essa perspectiva, a cultura estaria restrita a uma camada social e, ao mundo letrado. No entanto, cultura<sup>1</sup>, deve ser considerada como o conjunto dos traços que caracterizam uma sociedade ou um grupo, dentre elas, as letras. Aguiar, contudo, enfatiza:

[...] é importante que as classes menos favorecidas tenham acesso à cultura letrada, sob pena de se manterem as diferenças sociais. Isso quer dizer que, ao se valorizar todas as expressões culturais dominadas, não se está pretendendo limitar as classes populares ao conhecimento já adquirido no grupo. O que se propõe é abrir-lhes o leque de opções de modo a atuar efetivamente na vida social [...] (1988, p. 12).

---

<sup>1</sup> Definição conforme a Declaração Universal da UNESCO sobre a diversidade cultural.

Em nossa época, além do circuito constituído das publicações impressas, como livro, encontramos uma forma inovadora de nos relacionarmos com o texto por meio da hipertextualidade do computador. Para Chartier (1999), a transmissão eletrônica de textos significou mais uma revolução na leitura<sup>2</sup>, pois modificou a idéia de contexto, ao substituir a proximidade física dos textos contidos em um livro, uma revista, ou um jornal, por sua disposição lógica nos bancos de dados, arquivos eletrônicos e sistemas de processamentos, permitindo, assim, o acesso à informação. Assinala o estudioso que a leitura do texto no suporte digital, diferentemente da leitura do texto impresso, permite um procedimento assaz participante do leitor:

O objeto impresso impunha sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do leitor. [...]

Tudo isso muda com o texto eletrônico. Não apenas os leitores podem submeter o texto a uma série de operações (podem indexá-lo, mudá-lo de um lugar para outro, de compô-lo e recompô-lo), mas podem também tornar-se co-autores (1999, p. 27).

A hipertextualidade, ao possibilitar a reunião de múltiplas expressões (sons, imagens e recursos geradores de textos), guia o leitor a construir diversos caminhos interpretativos e, portanto, conclui Chartier, o computador transforma profundamente a relação com a cultura escrita. Além disso, a alteração do suporte da escrita obriga o leitor “a ter novas atitudes e aprender novas práticas intelectuais” (1999, p.26).

Desse modo, pelo que delineamos a respeito da importância da capacidade de ler para a vida individual e para a construção social, a demanda vigente na sociedade, como enfatiza Max Butlen, é de propiciar o saber, o desejo e o poder da leitura para o conjunto do público jovem (crianças e adolescentes), portanto “trata-se de formar um leitor polivalente” (2005, p.151). Para esse leitor do século XXI, esclarece, foram se constituindo, passo a passo, o perfil e competências, quais sejam:

---

<sup>2</sup> O autor aponta como revoluções da leitura no ocidente: o processo de passagem da prática de leitura oral para a silenciosa; na era da impressão, o desenvolvimento de novos gêneros textuais e novas práticas de leitura e, a mais recente, a transmissão eletrônica de textos (Chartier, 1999).

- a) ser capaz de ler em todas as modalidades: em voz alta, para si mesmo, seletivamente compreendendo os textos que se lêem;
- b) ser capaz de ler em todos os tipos de suportes: antigos; modernos;
- c) ser capaz de ler todo tipo de textos e documentos: textos literários, científicos, de divulgação [..];
- d) ser capazes de orientar-se nos lugares de leitura: a biblioteca familiar, de aula, a biblioteca escolar; a Biblioteca Municipal, a livraria. Lamentavelmente, nesse campo existem muitas deficiências;
- e) ser capaz de situar-se nos objetos de leitura: [...] trabalhar no texto, no paratexto, no intertexto é o que constitui o poder do leitor e o que lhe dá liberdade para picotar, “pescar” de forma furtiva na cultura dos escritos. Desse poder carecem, precisamente, muitos jovens leitores, e é justamente o que lhes devemos dar;
- f) ser capazes de reconhecer-se em sua própria prática de leitor, ou seja, em suas competências, resultados, hábitos, escolhas, comportamentos, estratégias de leitor e ser capazes de comparar os próprios comportamentos com os de outros leitores, ou seja, ser capazes de manter um discurso crítico no que se refere às próprias práticas como no que se refere aos textos que se lêem;
- g) ser capazes de relacionar a atividade de leitura com os demais aspectos do domínio da língua, falar, escrever, e estar, assim, em condições de utilizar o escrito num projeto de comunicação (2005, p. 153-154).

Conseqüentemente, formar o leitor do século XXI é um grande desafio. Neste sentido, o texto literário, ao favorecer a descoberta de sentidos, pode expressivamente contribuir para o desenvolvimento da capacidade de leitura.

## 1.2 LEITURA DA LITERATURA

Ler diferentes textos, para Aguiar e Bordini (1988), beneficia a descoberta de sentidos, porém são os literários que o fazem em termos mais amplos. A literatura ao representar o particular, as autoras ressaltam, abrange o conjunto do real – diferentemente dos textos informativos, que se fixam no específico – sendo, portanto, capaz de alcançar uma significação mais aberta. O aspecto lúdico e ficcional é um atrativo da leitura literária; entretanto, seu caráter polissêmico e denso solicita a participação atuante do leitor, propiciando assim, prazer e conhecimento. Completam as autoras:

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor, o que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor; sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. Paradoxalmente, por apresentar um mundo esquemático e pouco determinado, a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso, forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade (1988, p.15).

Sobre esse tema, manifestam-se Eliane Yunes e Glória Pondé (1988, p.10): “um dos papéis da arte na vida social, hoje [...] é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão do mundo”. De tal modo que a obra literária é, então, “um objeto social; para que exista é preciso que alguém escreva e outro a leia” (1988, p.38).

Observa Antonio Candido (2006) que a arte é social porque ao mesmo tempo é influenciada pelo meio e exerce influência sobre ele. A obra literária é um objeto artístico, e sua função social se estabelece ao satisfazer as necessidades imprescindíveis do homem e da coletividade. A obra artística, ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, nos organiza e nos liberta do caos, e, portanto, nos humaniza. Desse modo, para Cândido (2004), a todo ser humano deve ser dado o direito à fruição literária, em contrário estaríamos mutilando nossa humanidade. O autor também ressalta que o teor social das obras em si e o efeito que a literatura

desempenha no receptor tornam a literatura um dispositivo poderoso de conservação ou alteração da ordem social. Declara que a literatura “é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres e os sentimentos” (2006, p.63). Vale salientarmos, ainda, a importância da gratuidade como integrante indispensável, tanto à criação artística, quanto ao receptor no momento de apreciar e sentir a obra.

Pierre Bourdieu (2007), em suas pesquisas para analisar os mecanismos da dominação nos diversos campos de uma sociedade, investiga a fundo a relação entre o baixo nível de instrução e a dificuldade de apreciação de objetos artísticos. Seu estudo classifica as produções culturais em dois grupos: os produtos da indústria cultural e as obras de arte erudita. Visando a atender à expectativa do grande público, os produtos da indústria cultural são mais ou menos independentes do nível de instrução dos espectadores. Diferentemente, as obras de arte erudita exigem disposições específicas para a sua decodificação, em razão da complexidade de sua estrutura. O estudioso explica que a compreensão e a apreciação da obra artística estão sujeitas à intenção e à habilidade do espectador. Esses objetos de arte são exemplos de bens simbólicos que não são propiciados para todas as classes sociais nas mesmas condições favoráveis para seu entendimento. Para o autor, portanto, as classes sociais, além de situação econômica e de posição na estrutura social, distinguem-se pela posse e pela forma de desfrutar os bens simbólicos. Bourdieu diz que:

[...] o símbolo serve tanto para exprimir certas demandas por significados como também constitui tal expressão na medida em que lhes oferece os materiais significantes com que se veiculam as significações visadas pelos interesses e reivindicações dos diversos grupos sociais (2007. p.LXI).

Assim sendo, cursar uma escola de qualidade e fazer parte de uma família culta são variantes significativas ao se tratar da compreensão das obras de arte, entre as quais se incluem os textos literários. O ingresso na cultura dominante e na percepção das formas artísticas que dela fazem parte é poderoso meio de distinção social. Afirma o autor:

[...] o legado de bens culturais acumulados e transmitidos pelas gerações anteriores pertence realmente (embora seja *formalmente* oferecido a todos) aos que detêm os meios para dele se apropriarem, quer dizer, que os bens culturais enquanto bens simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos como tais (ao lado das satisfações simbólicas que acompanham tal posse) por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Em outros termos, a apropriação destes bens supõe a posse prévia dos instrumentos de apropriação (2007, p. 297).

Conforme Bourdieu, a produção artística carece de instituições apropriadas, tanto para conservação de seu patrimônio, como, por exemplo, os museus e as bibliotecas, como também de foros específicos como, é o sistema de ensino, para pré-dispor o receptor à admiração do objeto artístico. No entanto, não são todas as escolas que se preocupam com a qualificação do público para a apreciação do objeto de arte. Segundo o autor, cabe à instituição escolar o papel de distinção das classes, uma vez que somente às cultas é propagado um sistema de categorias de percepção, de linguagem, de pensamento e de apreciação das produções artísticas. Comumente inferior, a educação oferecida às classes populares não lhes propicia prioritariamente a aproximação com a arte.

Bernard Lahire (2002) dialoga com o pensamento de Bourdieu a respeito dessas disposições. Para Bourdieu, como visto anteriormente, a herança incorporada pelos sujeitos está vinculada aos seus comportamentos no presente, sem levar em conta o que se reproduz e como se reproduz. Bernard Lahire (2002) propõe em seu estudo um aspecto de análise que observa as disposições e variações individuais presentes nas atuações sociais habituais. Trata-se de levar em conta os percursos individuais sem subestimar as influências do meio, estudando a maneira como reagem e pensam os sujeitos em situações particulares, em que recebem constantes estímulos para integrar-se em ambientes letrados mais amplos. De acordo com o estudioso, as pessoas adaptam-se aos universos heterogêneos em que vivem, mas buscam dominá-los. O contexto não é fixo, movimenta-se tanto em termos simultâneos (para o mesmo indivíduo, ler no marco familiar, escolar ou profissional constitui em uma ação de múltiplas características, por vezes contraditórias, que se realizam em contextos diferentes) quanto em termos consecutivos, e as disposições dos indivíduos e as configurações em que se



movimentam se alteram no decorrer da vida. Desse modo, seu estudo visa a descobrir como as influências socializadoras diversas se instalam no interior de um indivíduo, mais ou menos de forma duradoura, e como elas interferem nos distintos momentos da sua vida social ou de sua biografia. Na pesquisa, pressupõe a existência de disposições fortes e disposições mais fracas, e a força e a fraqueza concernentes às disposições dependem, em parte, da recorrência da sua atualização. O autor completa:

Não se incorpora um hábito duradouro em apenas algumas horas, e certas disposições constituídas podem se enfraquecer, se extinguir [...] por não encontrarem as condições de sua atualização e, às vezes, por encontrarem condições de repressão (2002, p.330).

Graça Paulino (2008) aproxima os estudos de Lahire identificando a possibilidade de sua aplicação nas dificuldades da leitura literária. Assim, para indivíduos que não encontraram condições favoráveis para incorporar hábitos da cultura legitimada, na visão de Lahire, existe a probabilidade de enfraquecer ou reforçar disposições que são históricas, não sendo possível determinar que esses indivíduos não possam realizar a leitura literária. Cabe, por assim dizer, ativar suas potencialidades, o que passa pela importância da competência social da leitura literária e de sua mediação.

Incluimos, nesta dissertação, a recente pesquisa de Brigitte Louichon (2008) sobre a memória letrada ou biblioteca interior. A estudiosa toma como essencial de sua investigação a memória das leituras feitas, pela qual se estabelece o sujeito cultural. Parte do pressuposto que a lembrança de leitura é um vestígio de um evento de leitura e que a análise dessa lembrança pode permitir alcançar algo da natureza desse evento. Trabalhando sobre a lembrança de leitura do sujeito-leitor de literatura, trata de compreender como e a partir do que a memória letrada constituiu-se. Compõe um *corpus* a partir da literatura, especialmente, da literatura biográfica. Aproxima parte dos textos literários para pensar a aula e dos leitores experientes para pensar o leitor escolar, pois argumenta que o leitor amador é construído. Noutros termos, o amor pela leitura e pelos livros lhe é transmitido. Portanto, afirma

que analisar as modalidades de tal transmissão e os questionamentos em termos didáticos parece uma via possível.

Ela toma como modelos (no sentido metodológico do termo) as histórias de leitura de grandes leitores, como os escritores. A análise dessas memórias revela uma série de características constantes. Assim, explica a pesquisadora, a lembrança da leitura é essencialmente biográfica e sucessiva da memória episódica. Algo que restou de uma leitura que, por várias razões, marcou o sujeito. A memória dos textos, das obras, das histórias é menos frequente do que a memória da leitura em si. Assevera que a memória da leitura é, portanto, uma memória de leitura em si e completa:

Nessa parte da biblioteca interior, os livros são encontrados por vezes como objetos feitos de papel que não esquecemos a textura ou o cheiro; dos livros contando uma história, mas aquela do leitor; dos livros que estão faltando páginas, muitas páginas, às vezes até mesmo o título; dos livros que não são feitos de palavras, mas de imagens, sensações, de vozes, de emoções; de livros que o fulgor foi tal que às vezes só resta esse brilho (2008, p.120)<sup>3</sup>.

Louichon denomina essas memórias de evento de leitura. Um dia em um local específico para uma história, um livro é um evento. Para ela esse evento pode ser de natureza variada:

[...] o encontro com uma personagem que muda o mundo, para nós, para outros, uma linguagem que subverte, uma voz que se impõe, uma cena marcante uma experiência de incompreensão, uma frase, cujo significado pode vir depois, mas já está lá ... (em fase de elaboração)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Fica entendido, doravante, que a tradução das citações em língua estrangeira é de nossa autoria.

“Dans cette partie de la bibliothèque, ce sont parfois des livres que l’on trouve, mais en tant qu’objets faits d’un papier dont on n’a oublié ni la texture ni l’odeur, des livres racontant une histoire mais qui est celle du lecteur, des livres auxquels manquent des pages, beaucoup de pages, et parfois même celle de titre, des livres qui ne sont pas faits de mots mais d’images, de sensations, de voix, d’émotions, des livres dont l’éclat fut tel qu’il ne reste parfois que cet éclat.”

<sup>4</sup> Les rayons imaginaires de nos bibliothèques intérieures, de autoria de Brigitte Louichon, a ser editado em 2010.

Todavia, tal evento acontece sob uma base parte biográfica e parte literária: “porque o leitor já se reuniu com os personagens que o deixaram mais ou menos indiferente, de repente, uma nova figura assume uma dimensão única e memorável”(em fase de elaboração)<sup>5</sup>. Afirma, então, que esses eventos de leitura são fundadores e indispensáveis para os sujeitos tornarem-se leitores de literatura, para entrarem na cultura da escrita. Dessa forma, segundo Louichon, cabe ao mediador dar às crianças condições de vivenciar eventos de leitura, de fazer essa descoberta fundadora; ele deve ajudá-las a transformar a experiência em lembrança, deve ensiná-los a esquecer para manter o que para elas tem sentido, mas ao fazê-lo, ele também deve transformar cada livro lido o eco de um evento em potencial.

Assim sendo, para a autora, as práticas de leitura que se constroem na variedade dos dispositivos, das situações, das modalidades de acesso ao texto, das atividades propostas, todas que escapam da ritualização da tarefa, podem tornar-se o lugar de uma experiência única, suscetível de transformar-se em um evento de leitura.

Escarpit (1974), a partir da teoria preconizada por Lucien Goldman, busca definir o literário, igualmente associando a obra de arte ao social. Para Goldman, a literatura é constituída de textos que ordenam o imaginário conforme estruturas homólogas às estruturas sociais da conjuntura histórica, ou seja, no entendimento de Escarpit, o social está centrado no texto. No entanto, segundo o estudioso, o texto somente se efetiva quando o leitor lhe atribui sentido. Desse modo, justifica a necessidade de pensar uma nova definição do literário partindo da conexão entre o produtor e o receptor. Esclarece o autor que ao leitor é oferecida, por meio da obra artística, a perspectiva de um novo conteúdo no decorrer de suas leituras. Tal possibilidade acontece porque o texto literário está apto à traição de seu significado

---

“ la rencontre avec un personnage qui modifie le rapport au monde, à soi-même, aux autres, une langue qui bouleverse, une voix qui s'impose, une scène qui frappe, une expérience de l'incompréhension, une phrase dont le sens ne viendra que plus tard mais qui est là déjà ...”

<sup>5</sup>Les rayons imaginaires de nos bibliothèques intérieures, de autoria de Brigitte Louichon, a ser editado em 2010. “c'est parce que le lecteur a déjà rencontré des personnages qui l'ont laissé plus ou moins indifférent que soudain, une nouvelle figure prend une dimension unique et mémorable”

original, sem deixar de ser ele mesmo, se esse significado mudar devido às suas consecutivas leituras em momentos sociais diferentes.

Para a recepção de uma obra artística, é necessária maturidade, concentração e sensibilidade, o que não acontece de maneira tão simples, aponta Escarpit. A leitura da obra de arte realizada por um iniciante, por vezes, pode ser muito complexa em termos de compreensão. Assim, a mediação, para o autor, torna-se imprescindível perante um público de condição inferior de instrução e perante obras de alta qualidade.

### 1.3 MEDIAÇÃO

Guido de Ridder (1995), ao analisar uma ação de formação de mediadores do livro nos bairros populares da França, apoiado em experiências de biblioteca de rua, define como mediação cultural todos os atos que visam a facilitar a apreensão de obras artísticas ou científicas, quer seja por uma aproximação sensível, intelectual ou técnica. É possível que o mediador seja conferencista, responsável por oficinas de crianças ou adultos, guia. Tomando, também, por base o entendimento do DMF (Direção de Museus da França), apresenta como objetivo da mediação cultural facilitar a percepção ou apreensão das obras culturais pelo público. Acrescentamos a constatação de Pierre Besnard (1986), ao examinar a função, a formação e a profissão do animador sociocultural, de que a animação cultural surge também como uma escola paralela, complementando a primeira formação dada pela escola. Para Ridder a tarefa do mediador do livro refere-se mais ao livro infantil e juvenil. Sua função volta-se, então, mais especificamente às crianças e aos jovens leitores e não ao conjunto de leitores do bairro. Nesse ponto particular, relata o autor que “em certos casos, o livro, ponto de partida e finalidade do oral, pode receber as extensões importantes, conduzindo o mediador a se colocar no papel do contador” (1995, p.259)<sup>6</sup>. O teórico destaca a necessidade de o mediador conhecer por experiência pessoal a vida na periferia, sendo um meio privilegiado de aproximação

---

<sup>6</sup> “[...] dans certains cas , le livre, point de depart et finalité de l’oral, a pu recevoir de extensions importants, conduisant le mediateur à se cantonner dans un role de conteur.”

da população menos favorecida. Conclui que a introdução de ações de mediação do livro possibilita contribuir para a construção da cidadania nas periferias socialmente desfavorecidas.

Conforme Luis Milanesi, tratando do público criança no uso da biblioteca e da informação, “é o segmento [infantil] que exige mais atenção e assistência individual” (2002, p.56). O autor afirma que, dependendo da situação do segmento infantil, ele divide-se em dois grupos:

A criança que procura desincumbir-se de uma tarefa pedida pela escola; e aquela que não tem nenhuma obrigação à vista e está na biblioteca ou na internet por prazer. No primeiro caso, ela tem uma incumbência: encontrar e transcrever o que o professor deseja que ela encontre e comprove que encontrou. No segundo caso, não há nenhum compromisso que a conduza. Ela vai a uma biblioteca por que sente algum prazer nisso. E, certamente, é o mais importante investimento uma vez que o cidadão futuro que ali está molda-se em função dos estímulos que recebe (2002, p. 57).

O estudioso ressalta ainda que a criança, na maioria das vezes, é abordada como escolar (inserida no primeiro grupo) e, portanto, estabelece-se um diálogo entre o atendente, a criança e o professor. O mediador, nesse caso, não sendo especialista em literatura infantil, limita-se a buscar a informação solicitada pelo professor. Assim, a criança está na biblioteca para cumprir a obrigação escolar, visando à sua aprovação. Conclui o autor:

[...] como há muito mais obrigações a cumprir do que prazer a ser buscado, existem mais bibliotecas escolares do que infantis. E, conforme o quadro econômico-social, nem mesmo existe a biblioteca escolar ou o que pode ser assim chamado (2002, p.57).

Para Milanesi pesquisar situações de estímulo à imaginação, possivelmente resulta em outras situações na relação acervo-ações-leitor. Aponta o autor que o espaço físico e o perfil do mediador para atuar nele são dois aspectos importantes na informação voltada para criança. Considera espaço adequado essencial, sobretudo, com tecnologias, impressos, imagem e som, o que corresponde ao

cotidiano da criança; desse modo, “a sisuda sala com estantes com livros, mesas e cadeiras está definitivamente descartada” (2002, p.59). Além de uma oferta de informação, há que se pensar que biblioteca ela deve ser debatida, criticada e, para isso, são fundamentais a presença física, a formação do grupo, a participação coletiva. Igualmente o autor atenta para as ações que podem ser desenvolvidas:

Ao lado do acervo, amplo e estimulante, devem ser implantadas ações que propiciem à criança-leitora refletir sobre aquilo que absorveu e observou. Por isso, “hora do conto”, dramatizações, jogos e todo estímulo à criatividade, passam a ter espaço amplo. A criança não só absorve os conteúdos, mas se manifesta sobre eles, desenvolvendo também a capacidade de compreendê-los, criticá-los e de inventar conteúdos. O espaço físico para as crianças deve ser, pois, mutante, com áreas para o acervo, que não exige nenhuma sofisticada técnica de organização, e áreas para todas as formas de ações individuais ou de grupo, objetivando desenvolver a capacidade criativa (2002 p. 60).

Completa o estudioso que o conhecimento profissional deve voltar-se às características desse público e, por isso, o espaço deverá estar organizado em função da criança. Independentemente de o mediador ser professor ou bibliotecário, é essencial que saiba dispor as informações aos pequenos, de forma a incentivá-los pela ampliação de conhecimento. O autor afirma:

Ele será maestro, mestre das ações estimulantes do pensar e do agir num cenário que ele cria. São essas ações que farão da biblioteca não só um lugar de livros e outros materiais apropriados à criança, mas um espaço bem-cuidado para a prática de educação sem provas e cobranças (Ibidem, p.60).

Do mesmo modo, ao se interessar pelas leituras dos jovens imigrantes, que vivem nos subúrbios pobres de Paris, Michèle Petit (1999) considera que as bibliotecas e a leitura colaboram de maneira incontestável à luta contra o processo de exclusão e renegação. Esses leitores, ao apropriarem-se dos textos, constroem uma compreensão de si mesmos, do outro e do mundo, tornando-se cada vez mais sujeitos de seus destinos. Para a autora, esses jovens podem buscar na leitura o entendimento de seu próprio lugar no mundo, de sua história, da capacidade de

representar-se, de estabelecer uma identidade com o controle simbólico de si mesmo. Assim, o trabalho dos mediadores de leitura é visto por Petit como indispensável “quando um jovem provém de um meio onde predomina o medo do livro, o mediador pode autorizar, legitimar, um desejo não muito firme de ler ou apreender, e inclusive revelá-lo” (p.154)<sup>7</sup>.

A estudiosa esclarece que o gosto pela leitura não aparece apenas no convívio com os livros. Para um saber, um patrimônio cultural e o acervo de uma biblioteca terem um significado, é preciso lhes atribuir um sentido. Logo, afirma que o encontro com um mediador é fundamental para alguém que, pela origem social ou pela falta de convívio em ambientes culturais, sente-se pouco autorizado a aventurar-se na cultura letrada. Nas palavras de Petit:

[...] em todos os exemplos dados, não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por apreender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário que, levado por sua paixão, por seu desejo de compartilhar, transmite-o em uma relação particularizada. Principalmente no caso dos que não se sentem muito seguros para se aventurar por essa via devido à sua origem social, porque é como se, a cada passo que dão, a cada ponto inicial que cruzam, necessitaram receber uma autorização para ir mais longe (1999, p.172)<sup>8</sup>.

Desse modo, o mediador é quem pode corroborar para assegurar o desejo de ler. Além de auxiliar o leitor em sua formação, acompanha-o em diversos períodos de sua trajetória, fornecendo os meios para que ultrapasse obstáculos. O iniciador é, pois, aquele que está em posição estratégica para evitar que o leitor não se sinta limitado entre poucos títulos, para que tenha acesso a livros diversificados. De fato, não é tarefa fácil para um leitor em processo de formação, ampliar a leitura de textos, de outras narrativas, de novas formas de leitura:

---

<sup>7</sup> “Cuando un joven proviene de un medio donde predomina el miedo al libro, el mediador puede autorizar, legitimar, un deseo mal afirmado de leer o prender, e incluso revelarlo”

<sup>8</sup> “[...] en todos los ejemplos que he dado, no es la biblioteca o la escuela lo que despierta el gusto por leer, por aprender, imaginar, descubrir. Es un maestro, un bibliotecario que, llevado por su pasión, por su deseo de compartirla, la transmite en una relación individualizada. Sobre todo en el caso de los que no sienten un seguros para aventurarse por esta vía debido a su origen social, pues es como si con cada paso que dan, con cada umbral que atraviesan, necesitaran recibir una autorización para ir más lejos.”

O iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler não muito garantido. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar obstáculos, em diferentes momentos do percurso. Já sendo profissional ou voluntário, é também, aquele ou aquela que acompanha o leitor nesse momento amiúde tão difícil, da escolha do livro. Aquele que brinda uma oportunidade de fazer descobertas, dando-lhe mobilidade aos acervos e oferecendo conselhos eventuais, sem deslizar-se em uma mediação pedagógica (1999, p.181)<sup>9</sup>.

Por outro lado, Petit observa que, por mais imaginativos que sejam os mediadores, ele não são onipotentes, e suas experiências podem colidir contra a realidade em certos contextos. Ela ressalta que os mediadores podem ser facilitadores para leitores iniciantes, estimulando outra percepção de si e do mundo.

Na entrevista concedida em 2008 para **Letra A** - o jornal do alfabetizador- (subtítulo sem negrito), publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE/FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais, Butlen responde a respeito dos desafios na formação de leitores polivalentes. Na sua concepção, os mediadores necessitam estar atentos à variedade das práticas culturais e ao que atrai a atenção das crianças e jovens de hoje, para examinar novas possibilidades. Faz parte, segundo o estudioso, da competência dos mediadores selecionar e valorizar obras de qualidade, e para isso são necessárias providências:

Precisamos estabelecer parcerias entre pesquisadores, professores, bibliotecários e profissionais do livro, que devem atuar nessa mediação, acompanhando e permitindo o desenvolvimento de novas práticas culturais, abrindo novos horizontes aos alunos (2008, p.12).

Acredita Butlen que, atualmente, o ponto central para os mediadores é considerar todos os sujeitos, respondendo às peculiaridades de cada grupo, o que comporta a formação de leitores polivalentes. Significa presumir, em sua visão, outro

---

<sup>9</sup> “El iniciador a los libros es aquel o aquella que puede legitimar un deseo de leer no bien afianzado. Aquel o aquella que ayuda a traspasar umbrales, en diferentes momentos del recorrido. Ya sea profesional o voluntario, es también aquel o aquella que acompaña al lector en ese momento a menudo tan difícil, la elección del libro. Aquel que brinda un oportunidad de hacer hallazgos, dándole movilidad a los acervos y ofreciendo consejos eventuales, sin deslizarse hacia una mediación de tipo pedagógico.”



modo de formação desses leitores e uma nova concepção para os mediadores, entre eles os professores e bibliotecários.

Em seu relato sobre os resultados alcançados do incremento nas políticas públicas à oferta de livros na França nos anos 70 e 2000, Butlen afirma que a criação de mais bibliotecas e a qualificação dos bibliotecários propiciaram aumento no número de leitores, mas ficou aquém do estimado. O estudioso complementa:

[...] não basta uma grande oferta de leitura para tornar leitores todos os que não o são. Claro que há uma melhoria, que vale a pena, mas isso não é mágico. A aproximação entre livros e leitores não aboliu a distância social e cultural da escrita (2008, p.12).

A partir dessa experiência, esclarece Butlen que, para melhorar o efeito da oferta, não basta ampliá-la, mas é necessário, também, mudar o modo de oferecê-la; isso porque “o que é feito atualmente não leva em conta de maneira suficiente os novos públicos, que estão muito distantes da cultura escrita” (2008, p.13). Nesse sentido, acrescenta, além da qualidade do livro, o mediador precisa refletir sobre o modo de oferecer. Deve levar em conta as culturas autênticas desse leitor e as práticas sociais de leitura, dessa forma, ampliando perspectivas. Diz também:

O mais importante é que leitura supõe sociabilidades, supõe uma comunidade de leitores, e, através dessas sociabilidades, creio que poderemos promover a articulação entre quantidade e qualidade, assim como intercâmbios e debates que favoreçam trocas entre leitores (2008, p.3).

Na mesma perspectiva da socialização da leitura, Teresa Colomer (2007), em seu trabalho sobre a leitura literária na escola, disserta sobre a importância de compartilhar as obras com as outras pessoas. Nesse processo, o indivíduo, além de favorecer-se das capacidades dos outros para estabelecer o sentido e alcançar o prazer de compreender mais e melhor as obras literárias, também se sente integrante de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades. Comparar a leitura individual com a coletividade, para autora, é “o instrumento por excelência para construir o itinerário entre recepção individual das obras e sua

valorização social” (2007, p.144). Colomer esclarece que a ressonância de uma obra no leitor se gera dentro de um coletivo. Sendo assim, completa a pesquisadora, socializar a leitura significa constituir uma via entre a recepção do indivíduo e a da sociedade cultural que interpreta e avalia o ato de ler. Nesse viés, a mediação de leitura realizada no contexto da escola e da biblioteca propicia a construção da ponte entre o individual e o coletivo e auxilia o indivíduo na sua travessia.

Propusemo-nos, até o momento, a mostrar como a leitura contribui para a construção do indivíduo; é importante ponderar, todavia, que a leitura e os mediadores não podem tudo. Butlen, em seu estudo sobre as políticas de leitura e seus atores na França, observa que a crença dominante e a motivação das ações de grande parte dos militantes da literatura infantil e juvenil são de que a prática da leitura leva à libertação, à salvação. Nas palavras do autor:

O que fundamenta as certezas dos militantes é a impressão, a convicção (enraizada amiúde na experiência pessoal) que o livro permitiria ser qualquer coisa ou alguém a mais, de se realizar, de se afirmar (às vezes de se libertar), de se superar, e talvez mesmo de conhecer a felicidade. A crença compartilhada de que a leitura é a via real de acesso à cultura, ao saber, ao poder, à sabedoria, à lucidez, mas também, à distinção (2008, p.225)<sup>10</sup>.

Butlen, em consonância com o questionamento de Lahire sobre o que, dentre os resultados alcançados na formação de leitores, autoriza tal convicção, busca evidenciar que essa certeza é considerada pelos militantes quase como uma lei. O pesquisador não questiona as possibilidades da literatura na constituição e na humanização do indivíduo; trata-se de alertar que não há uma garantia para que isso aconteça, ou seja, não é algo automático, não é uma regra, pois, se assim fosse, o nazifacismo não teria encontrado cultos seguidores. Por isso, estarmos cientes das potencialidades e limites da leitura e sua mediação parece-nos essencial no processo de formação do leitor.

---

<sup>10</sup> “Ce qui fonde les certitudes des militants, c’est l’impression, la conviction (enracinée souvent dans une expérience personnelle) que le livre permettrait d’être quelque chose ou quelqu’un de plus, de s’accomplir, de s’affirmer (parfois de se libérer), de se dépasser, et peut-être même de connaître la félicité. La croyance partagée c’est que la lecture est la voie royale d’accès à la culture, au savoir, au pouvoir, à la sagesse, à la lucidité mais aussi à la disction”.

## 1.4 LEITURA NO BRASIL

Sabemos que a capacidade leitora de considerável parcela da população brasileira é mínima. Dados estatísticos de diferentes pesquisas ratificam essa realidade. Aferido pelo Instituto Paulo Montenegro, em 2007, o índice de Alfabetismo Funcional (Inaf) registra na população com idade superior a 15 anos 32% de analfabetos funcionais. Nesses dados, se incluem todos os analfabetos absolutos e os que têm uma alfabetização precária, os impedindo de usufruir dos instrumentos da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas. Na Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE em 2008, a taxa dos analfabetos com mais 15 anos de idade é de 10%, revelando uma ligeira melhora em comparação com a taxa de 10,1% de 2007. Os indicadores medidos tanto pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) – que em 2008 registrou o índice de desenvolvimento da educação básica- IDEB- de 3,5% – quanto pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) – no qual, em sua última edição, de 2006, o Brasil obteve 48<sup>o</sup> posição em leitura entre 56 dos países pesquisados – demonstraram que os estudantes brasileiros não possuem competência em leitura e escrita. A investigação sobre o comportamento leitor do brasileiro, Retratos da Leitura no Brasil, de 2007, apresentou dados significativos que confirmam aspectos notórios. A pesquisa mostra que, dos 4,7 livros lidos *per capita*/ano no Brasil, o índice de livros indicados pela escola chega a 3,4, o que quer dizer que apenas 1,3 livros lidos pelos brasileiros não foram indicados pela escola. Tal fato expressa a estreita relação entre leitura e educação. Outros dados levantados a respeito do uso de bibliotecas apontam que apenas 10% dos entrevistados frequentam assiduamente tal ambiente e, em alguns estados, é a biblioteca escolar a mais usual. De acordo com dados oficiais do Ministério da Cultura, dos 5.564 municípios brasileiros, 661 não têm uma biblioteca pública sequer, e 70% das cidades sem biblioteca estão no Nordeste

Asseguram Aguiar e Bordini que, para a formação do leitor literário, é fundamental o papel que as escolas, os professores, os livros e as bibliotecas desempenham. As autoras afirmam:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor (Aguiar; Bordini, 1988, p.17).

No mesmo entendimento de que a biblioteca escolar apresenta-se como um centro de aprendizagem em prol da leitura e, diante dos baixos índices de aprendizagem dos alunos brasileiros, o Conselho Federal de Biblioteconomia, no Manifesto em Defesa da Biblioteca Escolar (2009), expõe sua preocupação na carência de espaços de bibliotecas bem equipadas e profissionais da área, capazes de dinamizar os acervos. Em relação às bibliotecas escolares, segundo a entidade, diagnósticos existentes apontam que os responsáveis técnicos e diretores de escolas não estão cientes dos serviços que podem ser oferecidos por elas, o que impede a criação de muitas oportunidades para o aprimoramento na formação leitora de uma criança.

No tocante à democratização da leitura, salienta Zilberman, são necessárias certas condições advindas de uma política de leitura e da demanda da sociedade civil:

A escola é a instituição encarregada da alfabetização da criança; entretanto, para a difusão da leitura provém de um setor mais amplo. Dizem respeito ao conjunto de uma política de leitura, que transcorre preferencialmente na escola, mas resulta de um posicionamento de toda a sociedade civil. Isto determina decisões em nível de Estado e se traduz por intermédio de uma ação cultural e pedagógica. São sintomas mais nítidos dessa política: as diretrizes de ensino e os currículos e provimento das bibliotecas públicas e escolares, bem como as modalidades de edição e divulgação de obras literárias (1999, p.42).

O artigo de Flávia Rosa e Nanci Oddone (2006) sintetiza o cenário das principais políticas para o livro e a leitura no país. As autoras afirmam que, desde o século XIX, a política cultural adotada no Brasil era o mecenato, ou seja, o governo promovia e financiava jovens artistas que viviam na Corte. Essa política protecionista

perdurou durante todo o Império e somente foi alterada na República Velha. No Estado Novo, em 1930, foi criado o Instituto Nacional do Livro (INL). Competia ao novo órgão organizar e publicar a **Enciclopédia Brasileira** e o **Dicionário da Língua Nacional**, editar obras de interesse para a cultura nacional, criar bibliotecas públicas e estimular o mercado editorial. Foi extinto em 1987 e passou a integrar a Fundação Nacional Pró-Leitura, extinta pouco tempo depois, no ano de 1990. As suas atribuições foram incorporadas pela Fundação Biblioteca Nacional. Outras políticas surgiram, tais como a Lei Rouanet (1990) para o incentivo à cultura, a Lei do Direito Autoral (1998) e a Política Nacional do Livro (2003). Também surgiram programas governamentais voltados às práticas leitoras, como o Pró-Leitura e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), ambos criados em 1992. O Pró-Leitura visava à formação continuada do professor, oportunizando debates teóricos e vivências de leitura e escrita. Já o Proler foi dirigido à formação de leitores nos espaços sociais e está ligado à Fundação Biblioteca Nacional. Outros programas específicos foram criados para o livro didático e a biblioteca escolar, tais como o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) em 1997. Além de possibilitar o acesso dos alunos e professores do Ensino Fundamental à informação, o PNBE também objetiva constituir acervos para as bibliotecas escolares. Programas governamentais de distribuição de livros didáticos existem no Brasil desde 1938. Diversas denominações e siglas foram modificando os programas existentes até a implementação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional de Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM). No início do atual governo, em 2003, foi extinta a Secretaria do Livro e da Leitura e suas atribuições passaram à Fundação Biblioteca Nacional (FBN). No ano seguinte, foi implantado o Programa Fome do Livro ligado à FBN. Em julho de 2004, o Programa Fome do Livro foi retirado da tutela da Fundação Biblioteca Nacional e instalado junto ao Ministério da Cultura. Também em 2004, foi lançado o calendário do Ano Ibero-Americano do Livro e da Leitura, denominado no Brasil de Vivaleitura. Propõe-se a identificar e a apoiar projetos já existentes e a criar medidas para promoção do livro e da leitura. Dentre suas ações de incentivo, foi criada a Câmara Setorial do Livro e Leitura em 2005. Em 2006, foi instituído o Plano Nacional do Livro e da Leitura, que possui quatro eixos estratégicos, vinte linhas de ação e um calendário anual de eventos.

Nesse rápido panorama das ações voltadas à leitura, podemos observar que houve avanços, embora ainda sejam necessárias políticas com finalidades mais práticas e duradouras e que, de fato, modifiquem os índices acima apontados. Manifesta Ezequiel Theodoro da Silva sobre a questão:

[...] a leitura, enquanto ação, não se resolve apenas no ato individual, se não que reflete uma opção política do estado e de seus cidadãos. Porque, se leitura é um processo individual inaugurado a partir da alfabetização, o acesso a esta última depende da organização, da sociedade e do estado que ainda ajuda a mantê-la e a reproduzi-la (1988, p.9).

Portanto, iniciativas de promoção e de acesso à leitura em suas múltiplas linguagens se fazem necessárias, especialmente na medida em que as políticas de leitura no Brasil estão aquém do desejado e os dados apresentados constataam ainda o longo percurso que o País precisa seguir para tornar-se uma nação de leitores.

*Mas leio, leio. Em filosofias tropeço e caio, cavalgo de novo meu verde livro, em cavalarias me perco, medievo; em contos, poemas me vejo viver. Como te devoro, verde pastagem. Ou antes carruagem de fugir de mim e me trazer de volta à casa a qualquer hora num fechar de páginas? Tudo que sei é ela que me ensina. O que saberei, o que não saberei nunca, está na Biblioteca em verde murmúrio de flauta-percalina eternamente.*

*Carlos Drummond de Andrade*

## **2 CLIC – UMA AÇÃO DE FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO**

### **2.1 CONTEXTO DA VILA FÁTIMA**

A ação continuada de formação de leitores chamada CLIC é um espaço destinado à prática de leitura literária e de apropriação da informática que, por esse meio, visa a contribuir para o crescimento do capital cultural da comunidade da Vila Nossa Senhora de Fátima, no bairro Bom Jesus, em Porto Alegre-RS/BR. Há treze anos, iniciou as primeiras oficinas como projeto-piloto em 1996, sendo oficializado no ano seguinte, em 1997. O projeto CLIC integrou, até o ano de 2007, o Centro de Literatura Interativa da Comunidade, que deu origem ao nome. Atualmente, como ação continuada, faz parte do Núcleo de Leitura Literária e Multimídia do Centro de Estudos Literários (CELIT), da Faculdade de Letras da PUCRS, coordenado por Vera Teixeira de Aguiar. O CLIC surgiu da ampliação do programa de ação social promovido pela Universidade no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, para responder às necessidades do Programa de Apoio à Integração Graduação/Pós-Graduação da CAPES/MEC e tendo por meta atender mais diretamente a criança em sua formação leitora.

O contexto da Vila Fátima (como passaremos a chamar) apresenta necessidades de inserção na cultura letrada. Dados apontam que as condições de moradia são precárias. O Mapa da Inclusão e Exclusão de Porto Alegre/2004 identifica que, dos quase mil domicílios, 98% são considerados subnormais e abrigam 4 ou 5 pessoas; 67% das famílias têm renda menor do que dois salários mínimos e 45% dos chefes de família têm menos de 4 anos de estudo. Também aponta que, entre as crianças de 7 a 14 anos, a taxa de escolaridade é alta - 80% a 98% - na região Leste. No entanto, os índices apresentados anteriormente revelam que, embora haja ofertas de escolas e crianças matriculadas, não é garantia de saber ler e escrever. Na dimensão da vulnerabilidade infanto-juvenil, é uma das regiões que obtiveram os piores índices: 33,4% (Mapa da Inclusão e Exclusão de Porto Alegre/2004), ou seja, de 100 crianças 33 estão sujeitas à marginalidade, à pobreza



e à exclusão da modernidade. Segundo moradores e lideranças, em relação a locais de lazer, a comunidade conta apenas com um campo de futebol (C.F.Panamá), mas pouco frequentado pelas crianças. Outros espaços, como praça, centro cultural ou biblioteca, inexistem na Vila Fátima. Além disso, há no local violência latente da rua - disputas entre gangues, - e também doméstica. No entanto, a despeito de todas as adversidades apontadas, que podem dificultar a entrada de uma criança à cultura da leitura, as crianças mantêm-se assíduas à proposta do CLIC.

Em depoimento concedido para nossa pesquisa, o professor e diretor do Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, José Francisco Bergamaschi narra o início da relação entre a universidade e a comunidade, revelando a situação com a qual se depararam:

Havia uma preocupação da Universidade de aproximar-se das comunidades carentes situadas no entorno da Instituição para criação de uma obra social. Na época, o Reitor Irmão Norberto Francisco Rauch, propôs, e foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Universitário, a criação de um projeto social que se chamaria de Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima (a partir do ano de 2005 passa a chamar-se Centro de Extensão Universitária Vila Fátima.), começando a funcionar em agosto de 1980. Recebi o convite para implementar o projeto. Foi um desafio significativo tanto profissional como pessoal. Quando chegamos existia apenas uma capela de madeira e um padre jesuíta que dava assistência à população. Celebrava missa aos domingos e no entorno reuniam-se lideranças. Apresentamos a proposta do projeto que previa um diagnóstico da comunidade. A pesquisa foi feita pelos universitários do Projeto Rondon e coordenados por mim com 10% da população. Nesse tempo, não havia água nas casas. A água só chegava à noite em bicas da rua. Não existia recolhimento do lixo. O nível de saúde da população era muito preocupante. Isso por observação nossa. O diagnóstico trouxe algumas surpresas. O que mais preocupava a população era posse da terra. A vila era uma área da prefeitura invadida e o maior medo da comunidade era a desocupação. Depois, o problema da falta d'água e assistência médica. Precisávamos nos instalar em um lugar próprio, fora da capela de madeira. Aproximamos do grupo da LBA que ministrava um curso de auxiliar de enfermagem. Por intermédio deles conseguimos uma sala no Clube de Mães Amar e Servir, aqui na rua principal, aqui do colégio [Escola Estadual Coelho Neto]. Mas só era possível atender às crianças, fornecer medicamentos obtidos junto aos órgãos públicos e treinamento de alguns moradores em ações de promoção à saúde. Era tudo muito modesto. Para conhecermos melhor a comunidade, realizamos uma campanha de vacinação em casa. Os meus alunos visitavam as casas para vacinar os moradores e aproveitavam para dar orientações de saúde básica. Foi uma maneira de ficarmos cada

vez mais próximos da população. Nesse mesmo ano, 1981, a Universidade ganhou de uma empresa privada uma casa de madeira de 40m<sup>2</sup>, mais abaixo daqui, perto da Escola Léa Rosa. Para nós foi um luxo! Nesse novo espaço, que chamamos de Módulo de Operações, outros departamentos foram agregados: de pediatria, de odontologia e serviço social. Mas tudo muito escasso, era um desafio atender uma comunidade que necessitava tudo. Para muitos alunos era grande o choque cultural. Nas horas difíceis quem me apoiou muito foi Irmão Avelino Madalasso. Em 1982, ganhamos um prédio pequeno onde estamos agora. O espaço servia como salão para reuniões em que nós, os agentes externos (universitários e professores) tentávamos motivar os agentes internos (moradores da vila), para que estes se organizassem e assim conseguissem levar aos poderes públicos suas reivindicações. Assim, fomos conseguindo credibilidade junto à população. Hoje, o recolhimento do lixo acontece diariamente. Há água em todas as casas e uma rede de esgoto pequena, mas há. Isso do lado da comunidade da Vila, do lado da comunidade acadêmica conseguimos tirar os alunos da teoria para prática, para a realidade brasileira. Crescemos junto com a comunidade. Alguns problemas foram solucionados, mas outros foram aparecendo, como em todo o Brasil. A violência aumentou, mas este espaço é reconhecido pela comunidade como um patrimônio importante, de atendimento à saúde das crianças, das mulheres e da família. Aqui, não precisamos de vigias noturnos, nunca fomos arrombados. Somos uma zona livre de violência. Na chegada do CLIC, estávamos em outro momento, melhor estruturados. Nossa linha de atuação estava bem definida e abrangia quatro eixos: assistência à saúde, assistência jurídica, assistência social e educação. Não tínhamos um projeto voltado à leitura. Temos muito orgulho desse projeto. Quando iniciou, o computador era raro e as crianças vibravam. Inserir as crianças da Vila Fátima no mundo da literatura e da poesia, utilizando os recursos da informática considero transformador para suas vidas. Os propósitos, daqui para frente, para o Centro, são de ampliar o espaço físico e o atendimento à comunidade.

No depoimento dos primeiros anos de instalação do Centro evidencia-se a precariedade da Vila Fátima quanto às necessidades básicas para que um ser humano possa viver com o mínimo de dignidade. O primeiro diagnóstico de comunidade realizado em 1982 trouxe dados essenciais para a definição das primeiras ações junto aos moradores da Vila. Comparativamente com o **II Diagnóstico de Comunidade e Avaliação do Campus Aproximado da Vila Fátima** (em 1998 foram entrevistados 126 moradores; em 1982, 300 domicílios), avanços nas condições de saneamento básico, tanto no entorno da casa, quanto dentro dela foram registrados. O desejo da casa própria prevaleceu nos dois diagnósticos. Outro sonho almejado é “ser digno, ser honesto, poder dar estudos aos filhos – significando

uma profissão – e, para isso, o fator da segurança pública faz parte deste sonho, pois não querem ser confundidos com os marginais” (1998, p.146). O resultado do diagnóstico aponta algumas melhorias nas condições básicas de vida, no entanto, se comparado aos dados mais gerais e recentes, mencionados mais acima, presumimos que o quadro dos anseios, das angústias, dos planos e dos sonhos permaneça o mesmo entre os moradores da Vila Fátima.

## 2.2 PROPÓSITOS DA EXPERIÊNCIA

Os objetivos que o CLIC em sua história têm buscado alcançar são, por um lado, promover o gosto pela leitura das crianças da Vila Fátima, por meio de oficinas temáticas e, por outro, formar futuros professores de Letras. No primeiro, atendendo crianças e jovens em formação, oferece de modo inclusivo e lúdico o acesso à cultura literária e escrita, sendo o elo de transição entre a cultura familiar e a cultura culta, possibilitando às crianças sentirem-se à vontade e estabelecerem uma relação com bens culturais. No segundo objetivo, visa a formar mediadores capacitados tecnicamente, ou seja, conhecedores de uma metodologia que os habilite a formar leitores, bem como aproximá-los da realidade brasileira, contribuindo para promoção de uma consciência humanitária. As ações do CLIC fundamentam-se na importância da leitura literária como exercício de abertura de horizontes individuais e sociais.

A dinâmica do CLIC consiste em oferecer oficinas temáticas de duas horas de segunda-feira à sexta-feira, pela manhã e pela tarde, sempre com o intuito de atender a criança no turno inverso ao da escola, durante o ano letivo. Para participar das Oficinas é necessário que a criança esteja regularmente matriculada no sistema formal de ensino, com idade de sete a 14 anos. A responsabilidade pelas atividades fica a cargo de um mediador.

O cerne das Oficinas é o livro de literatura, em torno do qual as atividades se desenvolvem, em diálogo com outras linguagens. São as Oficinas: Literatura e Contação de Histórias que, por meio da oralidade, visa a aproximar a criança do sentido mágico da literatura; Literatura e Computador, que propõe desenvolver a produção textual a partir da leitura do texto literário; Literatura e Imagem, que

estabelece a leitura mais ampla por meio do diálogo entre texto e imagem; Literatura e Língua Estrangeira, que partindo da leitura do texto literário, permite às crianças noções da língua espanhola e inglesa; Literatura e Música, que utiliza a linguagem musical como instrumento para incentivar a leitura (sons, ritmos, instrumentos e letras são selecionados para despertar na criança o encantamento pela leitura); Literatura e Teatro, que propõem à criança fazer uma releitura do texto literário através de esquetes e pequenas peças de teatro, valorizando o prazer de ler; Literatura e Biblioteca, que tem por finalidade incentivar a autonomia de leitura, uma vez que o acervo fica à disposição da criança para livre escolha do livro de sua preferência. Enfatizamos que o tema das Oficinas altera-se conforme a aptidão dos mediadores, estudantes de graduação ou pós-graduação.

Os mediadores são orientados a seguir passos comuns no exercício das atividades propostas pelas Oficinas. Ao iniciar a Oficina, o mediador estimula de forma lúdica as crianças, no intuito de despertar o interesse pelo tema da obra a ser lida. Em seguida, se dá a leitura propriamente dita da obra. Após a leitura, a reflexão sobre a obra indica às crianças que estabeleçam relações com outras leituras efetuadas e, também, com sua experiência de vida. Na próxima etapa, partindo do tema da obra lida, as crianças são convidadas a realizar sua releitura por meio de uma atividade criativa (produção textual, desenho, criação de uma encenação etc.). Finalizando, as crianças socializam seus trabalhos.

Entretanto, ao se tratar da Oficina de Literatura e Biblioteca, as orientações acima descritas não são seguidas. Cristine Zancani, pesquisadora e testemunha de todo processo de criação e implantação do CLIC, em sua tese de doutorado sobre a história do CLIC, esclarece a finalidade da Oficina:

[...] criada para oportunizar ao leitor a manipulação do acervo, de forma livre, escolhendo a obra que pretende ler. O mediador responsável pela biblioteca do CLIC tem consciência de que seu papel vai além do cuidado com o material de leitura. Também cabe a esse educador acompanhar as escolhas dos participantes, com vistas a conhecer melhor o perfil dos leitores. Estabelecida a proximidade com os visitantes, é possível auxiliá-los em suas escolhas; criar estratégias para alargar seu horizonte de preferências; promover encontros para conversa sobre determinados títulos, enfim, realizar toda e qualquer atividade que tenha por princípio a dinamização do acervo (2008, p.37).

Além das práticas de leitura, o CLIC promove Encontros Culturais que aproximam das crianças autores, ilustradores, cineastas, dramaturgos, músicos e outros profissionais da área artística. Participaram os escritores Glaucia de Souza, Giordano Gil, Celso Sisto, Viviane Gil, Sissa Jacoby, Marcelo Carneiro da Cunha, Paula Mastroberti; as ilustradoras Cristina Biazetto e Laura Castilhos; o cineasta Carlos Gerbase, o cartunista Rodrigo Rosa e o criador de desenhos animados Rodrigo John; o ator e diretor de teatro Nilton Filho e o ator e dramaturgo Hyro Mattos.

A “Galeria de Arte”, painel no qual são expostos reproduções de obras de arte e que possibilita o contato das crianças com o patrimônio artístico e a reflexão sobre a temática exposta. O debate sobre o assunto proposto na exposição estabelece paralelos e inter-relações com a área das artes plásticas e a da literatura, assim, ampliando as percepções verbais e visuais das crianças. As exposições, em 2008, tiveram temas variados: **Retrato de artistas, Coisas de artistas, Paisagem fantásticas e Leda Catunda.**

Paralelamente aos trabalhos no espaço, a Mala de Leitura circula mensalmente na comunidade, disponibilizando um acervo de livros literários e revistas informativas. A responsabilidade fica a cargo de um representante do CLIC e de um líder comunitário. Os títulos são selecionados a partir do interesse dos leitores. A mala atende, além do público infantil, todas as pessoas da comunidade interessadas na leitura dos livros.

Na história do CLIC, Zancani relata que sua constituição, em 1997, contou inicialmente com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES) e, por meio do PROIN, foi possível adquirir computadores, livros para compor o acervo da biblioteca e materiais diversos para consumo. Posteriormente, em 2000, continua a pesquisadora, o suporte foi dado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, para ampliação do acervo e compra de material de consumo (papel, lápis de cor, tintas, canetinhas, borrachas, pincéis etc.). No presente, o CLIC é mantido pelas doações de participantes e pela PUCRS para a manutenção da sala e do equipamento eletrônico.

Outra colaboração fundamental para o desenvolvimento e consolidação da proposta do CLIC foi a do líder comunitário Luís Pedro da Rosa Fraga. Ele conduzia grupos de 8 a 12 crianças, atendidas por uma ação do Serviço Sócio-Educativo (SASE) com a Associação dos Amigos da Vila Nossa Senhora de Fátima. Zancani descreve a sua trajetória no CLIC:

Luís Pedro da Rosa Fraga, o Toco, também participou do CLIC desde a sua implantação. Marília o conheceu em novembro de 1995. Ela procurava estabelecer uma parceria com a Associação dos Amigos da Vila Nossa Senhora de Fátima, conveniada com a Fundação de Assistência Social e Cidadania/ FASC e com o Serviço de Apoio Sócio-Educativo/ SASE. Luís Pedro era educador da Associação. Na entidade, junto com outros quatro monitores, atendia 80 crianças em turno extraclasse [...]

Estabelecida a parceria de trabalho do CLIC com a Associação, Luís Pedro ficou encarregado de selecionar as crianças que participariam de nossas oficinas. Porém, ele não fazia só isso: acompanhava tudo de perto, oferecendo aos mediadores um apoio importante na solução de determinadas questões. Quando uma criança deixava de ir aos encontros, por exemplo, Luís Pedro ia até a casa do participante investigar a causa da ausência. Ele conhecia a história de cada um dos alunos e tinha acesso a suas famílias. Essa familiaridade fazia toda a diferença na hora de entender e resolver algum problema mais grave de indisciplina.

Um ponto alto de sua atuação como mediador no CLIC foi o serviço de “biblioteca ambulante”, que passou a desempenhar quando se encarregou de andar com uma mala de livros pela Vila Fátima. O impacto de uma pessoa da própria comunidade oferecendo livros aos moradores foi grande. Como prova disso, surgiu a reivindicação dos novos leitores, solicitando os títulos que desejavam encontrar na próxima viagem da mala de leitura. Por esse e outros motivos, consciente de sua relevância no projeto, Luís Pedro afirma: penso que minha participação tenha contribuído para o sucesso do serviço na Vila Fátima, mediando as relações da comunidade com a Faculdade de Letras. Sem dúvida, Luís Pedro contribuiu para o sucesso do serviço (2008, p.86).

A parceria estabelecida demonstra a importância, como afirma Ridder, de o mediador pertencer ao meio no qual se propõe a inclusão cultural. Ele conhece a realidade, sabe das histórias de vida daqueles indivíduos que também fazem parte

de sua história; ele é reconhecido entre seus pares, é o elo entre a comunidade e a cultura letrada. No entanto, Luís Pedro, também desejava progredir, sonho presente no imaginário da maioria dos moradores da Vila Fátima, expresso no Diagnóstico de Comunidade (1998). Afirma Zancani que ele, ao ingressar, em 2002, na primeira turma de Pedagogia Anos Iniciais, da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, UERGS, paulatinamente foi se distanciando, no entanto, “mesmo de longe, continuou preocupado em divulgar o CLIC dentro e fora da comunidade” (2008, p. 88).

Sem uma liderança local para a mediação, algumas alternativas para divulgação das Oficinas foram pensadas. A opção escolhida foi de contatar as escolas das proximidades. As instituições de ensino que buscamos foram as seguintes: Escola Estadual Fernando Gomes, Escola Mons Leopoldo Hoff, Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, Escola Estadual de Ensino Fundamental Lea Rosa Cechini Brum e Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto.

Nova tentativa, em 2008, de agregar um mediador oriundo da comunidade, com a finalidade de manter a ponte entre a Vila Fátima e o CLIC foi realizada. A indicação do nome de Maria Elisabeth de Britos Alves chegou por meio da Prefeitura de Porto Alegre. Mais conhecida por Tia Beth, é representante do Bairro Bom Jesus no Conselho do Orçamento Participativo; além disso, dirige uma creche para crianças de zero a seis anos e preside a Associação dos Moradores da antiga Vila Divinéia. A mediadora organizou grupos de crianças e cuidou da mala de Leitura por quatro meses. Tia Beth, por ser uma líder comunitária muito ativa, não conseguiu se dedicar ao CLIC como pretendido. Ela tentou organizar algumas mães para manter a mediação com o CLIC, mas não obteve sucesso. Comentou, algumas vezes, com esta pesquisadora, a dificuldade dos responsáveis de compreender a oportunidade que as Oficinas de leitura do CLIC ofereciam às crianças. Para Tia Beth, as crianças que estivessem frequentando o CLIC, além de ter o contato com o livro (pois, em seu entendimento, a leitura é “muito útil”), também elas estariam menos sujeitas à violência da Vila. Contudo, de forma menos ordenada e em menor número, as crianças continuaram a frequentar espontaneamente as práticas de leitura literária propiciadas pelo CLIC.

Esses relatos sobre as estratégias adotadas para manter uma ação de formação do leitor literário também são componentes da dinâmica adotada. Para

tanto, são realizadas semanalmente reuniões com os monitores das oficinas e a coordenadora da ação para elaboração e avaliação das atividades aplicadas. No momento da reunião, a socialização dos problemas, a busca de soluções, a troca das experiências vivenciadas atualizam e qualificam permanentemente o mediador.

### 2.3 DESDOBRAMENTOS DA AÇÃO

A experiência da promoção da leitura literária na realidade sociocultural de uma comunidade de periferia, como é o caso da Vila Fátima, tem-se multiplicado de diversas maneiras ao longo do tempo. No Colégio Marista Champagnat, no período de 2002 a 2008, foram desenvolvidas Oficinas extraclasse de leitura literária, direcionadas aos alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental com dificuldades em interpretação textual e em expressão escrita. A solicitação da escola, feita à direção do CLIC, visava formar leitores e, portanto, aprimorar a atuação das crianças na leitura e na escrita. Zancani comenta os resultados:

Não só nos relatórios de pesquisa se encontram dados que comprovam a eficácia das oficinas realizadas no Champagnat, os alunos partícipes dos encontros apresentam melhora significativa em sala de aula, conforme retorno dado pela coordenadora pedagógica e pelos pais, que acompanham de perto o processo. Além disso, a biblioteca escolar, de acordo com depoimento da responsável, ganhou novos visitantes fiéis que, como bons leitores, sabem que lugar de livro é fora da estante: é dentro da gente (2008, p.54).

A intervenção da equipe do CLIC no campo das instituições de ensino expandiu-se para mais duas escolas: Escola Estadual de Ensino Fundamental Leopoldo Tietböhl e Escola Estadual de Ensino Fundamental Coelho Neto. Na



primeira, a intenção foi implantar um projeto de formação de leitores destinado a alunos, pais e professores. Para tal objetivo, foi desenvolvido um projeto de capacitação dos professores, iniciando com um curso no ano letivo de 2004. A atuação da equipe do CLIC finalizou no segundo semestre de 2005, com efeitos positivos no comportamento leitor da escola como um todo. Em relação à escola Coelho Neto, em 2006, foram preparadas Oficinas de leitura da literatura que atendessem alunos de turmas de primeira a quinta séries. As Oficinas ocorreram no turno inverso ao da escola, três vezes por semana, durante cinco meses. Uma das oficinas oferecidas era de Literatura e Biblioteca, que propiciava aos alunos usufruírem livremente o acervo da biblioteca da escola.

A inserção do CLIC nas instituições de ensino, tanto particulares como públicas denota, por um lado, a sua contribuição para melhorar a leitura e, por outro, revela a carência de uma diretriz de Estado que vise a constituir, de fato, a cultura da leitura pela mediação escolar. A escola é o lugar historicamente destinado à formação de leitores, à prática da leitura, ao ingresso na cultura letrada e, portanto, orienta-se para tal objetivo. É através do currículo escolar que o trabalho do professor se desenvolve, logo, o espaço para o ensino da leitura lá está contido. Algumas escolas, por iniciativa própria, buscam apoio em outras experiências para desenvolver a prática da leitura, o que nos faz crer que há um descompasso entre as orientações teóricas e a vivência da leitura na constituição de um leitor crítico. Isso comprova nossa visão de que, realmente, há necessidade de uma diretriz do poder público que contemple a realidade das escolas para formação do leitor de nosso século.

Outra ação leitora, contudo, sem a presença direta, mas orientada pela equipe do CLIC, foi o projeto Poesia e Criatividade, que ocorreu na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo/ FASE, antiga Fundação Estadual do Bem Estar do Menor / FEBEM, iniciada em 1998. Ainda ativo, atua com grupos de jovens infratores com idades entre 18 e 21 anos. Por norma da FASE, a mediadora, que faz parte do quadro dos funcionários da Instituição, atende em sessões individuais os rapazes. A dinâmica consiste na leitura de poemas, comentários sobre a obra e, após, a elaboração de um trabalho criativo. A experiência vem demonstrando que os internos apreciam a criação de poemas, o que deu origem, sob a coordenação de Vera

Teixeira de Aguiar, em 2008, ao livro **Poemas de um tempo difícil**.

A troca de experiências, igualmente, é uma importante fonte de conhecimento e reflexão para a atuação do CLIC. Como exemplos, há a visita da equipe do Mundo da Leitura, da Universidade Federal de Passo Fundo, em 2001, para conhecer de perto o trabalho do CLIC na Vila Fátima, e, posteriormente, a ida da equipe do CLIC ao Mundo da Leitura. Presente nos dois momentos, Zancani relata o intercâmbio entre as equipes:

No turno da manhã, os visitantes participaram de uma palestra na PUCRS para apresentação do projeto e das teorias que garantem o seu embasamento. À tarde, no Centro de Extensão Universitária da Vila Fátima, foi o momento de a equipe liderada por Tânia Rösing “virar criança” para vivenciar oficinas de leitura na prática. Várias eram as opções oferecidas, tal qual ocorre na rotina do CLIC: Literatura e Contação de histórias, Literatura e Computador, Literatura e Música, Literatura e Teatro, Literatura e Imagem. Uma semana depois foi a vez da equipe do CLIC ir até Passo Fundo, visitar o Mundo da Leitura. Lá, conhecemos os fundamentos teóricos que orientam as ações do grupo, experimentamos uma prática leitora e estivemos no Laboratório de Informática. Ao final do encontro em Passo Fundo, refletimos, com a equipe local, sobre as diferenças e semelhanças entre o nosso trabalho e o deles. As crianças que participam das oficinas do CLIC são atendidas ao longo de um ano, de modo sistemático, em uma sala-ambiente situada no interior de uma comunidade periférica. Em Passo Fundo, as escolas agendam visitas ao Mundo da Leitura, localizado dentro da Universidade, com a finalidade de, ao longo de um dia, os alunos serem estimulados de forma lúdica ao contato com o livro. As diferenças entre os projetos enriqueceram nossos horizontes, apontando distintos modos de se chegar a um caminho comum: a conquista de novos leitores (2008, p.42).

Conhecer, em 2007, a Biblioteca Comunitária do Cristal, organizada por membros do Clube de Mães da comunidade local, completa Zancani, também foi outra oportunidade de dividir experiências para os mediadores do CLIC. Nesse encontro, foi possível verificar o acervo de aproximadamente quatro mil títulos, sua catalogação e conhecer o público atendido pela biblioteca, formado por crianças, adultos e idosos.

O livro **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores, organizado por Vera Teixeira de Aguiar e que tem por co-autores os mediadores do CLIC da época (2001), surge da reflexão do tema da promoção da leitura, suscitada pelo encontro entre a experiência acadêmica e a realidade sociocultural de uma comunidade de periferia, como a da Vila Fátima. Além disso, há trabalhos acadêmicos apresentados em diversos encontros científicos, bem como publicados em periódicos especializados.

Outros projetos de pesquisa tem se organizado, como a de Jogos Digitais, que permite as conexões entre a linguagem literária e virtual por meio de dispositivos de ensino balizados na Teoria da Literatura. A publicação dos livros eletrônicos **Ler e brincar**: atividades de leitura literária através da sonoridade na poesia, no qual o poema “A boneca”, de Olavo e Bilac é explorado em diferentes ritmos e gêneros de música; e, **Ler e brincar**: atividades de leitura literária com jogos de construção narrativa, cujas atividades foram baseadas na narrativa **Tecelina**, de Gláucia de Souza, o narrador conta sua história através da vida de seus parentes e amigos. As duas obras são exemplos práticos da interação dessas linguagens.

Ao longo do tempo, portanto, o CLIC tem suscitado projetos de pesquisa voltados ao estudo da leitura da literatura nas séries iniciais, da literatura juvenil, da literatura na escola, da literatura na comunidade, áreas nas quais se insere este trabalho.

Ao recuperarmos o conjunto das atividades do CLIC, organizando-as em razão de objetivos específicos, quais sejam os de promover a leitura literária com vistas à mudança da realidade, podemos situar nossa pesquisa como meio de revisitação desses propósitos e resultados, tendo em vista sua eficácia na formação de leitores.

*Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana.*

*Bertolt Brecht*

### 3 CAMINHOS DA PESQUISA

#### 3.1 DIREÇÃO DO OLHAR

A presente pesquisa nasceu, como enfatizamos, do interesse em avaliar uma ação de formação de leitores. Esse trabalho insere-se, assim, na área temática de estudos que compreende a formação do leitor; está voltado, portanto, a literatura infantil e juvenil, leitura e ensino, dentro da ampla área de concentração da Teoria da Literatura. Delimitamos o estudo em uma avaliação da proposta do CLIC enquanto formador do leitor literário de 7 a 14 anos, em oficinas extraclasse.

Direcionamos o olhar para uma metodologia que pudesse expressar o conhecimento da realidade por meio de um processo científico. Para que cada questionamento técnico implique na discussão teórica, pressupomos um posicionamento crítico, cientes dos limites e possibilidades da pesquisa. No campo científico, são as Ciências Sociais que melhor potencializam a nossa pesquisa, porque, como declara Maria Cecília de Souza Minayo:

O objeto das Ciências Sociais é histórico. Isto significa que as sociedades humanas existem num determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social (1994, p.13).

As Ciências Sociais, ao lidar com os seres humanos, evidenciam uma identidade comum entre o observador e o observado, seja por motivos culturais, de classe ou de faixa etária ou outros. Nessa perspectiva, o observador é parte de sua observação. Significa dizer que não há uma pesquisa absolutamente neutra. Existe um pesquisador com sua história de vida, com seus interesses e ideais. Portanto, a

objetividade do estudo é relativa. Outro aspecto importante a mencionar é que, segundo Minayo (1994), o objeto na investigação social é essencialmente qualitativo. A pesquisa responde a questões muito particulares e preocupa-se com um aspecto da realidade que não pode ser quantificado, como é o caso de nossa pesquisa. No entanto, dados quantitativos e qualitativos não se opõem. Ao contrário, complementam-se, pois a realidade por eles abarcada interage dinamicamente. Minayo explica que a distinção entre qualitativo e quantitativo é de natureza e:

Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região visível, ecológica, morfológica e concreta, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações médias e estatísticas (1994, p.22).

Tendo por referência a pesquisa qualitativa, nossa opção foi pelo estudo de campo. Tal preferência possibilitou o aprofundamento das questões propostas dentro do grupo definido, levando em conta a técnica da entrevista e da observação participante.

Otávio Cruz Neto (1994) diz que, por meio da entrevista, o procedimento usual para o trabalho de campo, ouvimos a voz dos atores sociais e descobrimos as informações nela contidas. Os dados descobertos relacionam-se com os valores, as formas de agir e as opiniões dos sujeitos entrevistados. Em relação à abordagem técnica da observação participante, o autor explica que a mesma permite ao pesquisador o contato direto com o fenômeno observado, com a finalidade de obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios ambientes. Para Cruz Neto, essa técnica possibilita ao pesquisador captar diversas situações ou fenômenos que nem sempre são obtidos através de perguntas. Situações em que o observado está exposto à própria realidade, transmitindo fatores que podem influir numa questão, mas não se podem definir ou prever.

Sendo assim, a escolha dessas duas técnicas, a observação participante e a entrevista, nos permitiram verificar sob focos diferentes, mas complementares, aspectos importantes para o objetivo do trabalho.

Cientes de que cada pesquisa mostra uma parte da realidade e que, inevitavelmente, seus resultados não podem ser considerados como verdades absolutas, não pretendemos em nosso estudo esgotar o assunto de nossa proposta, qual seja o de avaliar uma ação de formação leitora. Sabemos que há outros fatores implicados na questão da formação de leitores. No entanto, compreendemos o fator social como um dos mais relevantes a ser levado em conta no momento da promoção da leitura.

### 3.2 ESCOLHA DOS SUJEITOS

Dentre o universo dos frequentadores do CLIC, definimos como objeto de pesquisa a amostra de 20 crianças em atividade contínua da Oficina de Literatura e Biblioteca, por, no mínimo, dois semestres do ano de 2008. A opção por essa amostra deu-se em virtude do fato de esse grupo de crianças também ter participado de outras Oficinas oferecidas pelo CLIC. Esse fator significou fornecer às crianças uma perspectiva abrangente da ação realizada.

### 3.3 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS

A técnica da entrevista possibilitou o depoimento gravado das crianças participantes regulares da Oficina de Literatura e Biblioteca. Outra técnica empregada foi a observação do participante, que contou diretamente com a presença desta pesquisadora no processo de planejamento e execução da Oficina de Literatura e Biblioteca do CLIC realizada em 2008. No que diz respeito à busca bibliográfica, foram incluídos o levantamento de informações dos conceitos teóricos e dados do contexto social da Vila Fátima.

O preenchimento de dados na ficha de registro diário<sup>11</sup> nos capacitou a analisar as propostas oferecidas no CLIC bem como sua mediação da leitura. Ela é composta por dados de identificação (nome da Oficina, data, número de participantes e objetivos) e cinco tópicos que registram as etapas da atividade a serem descritas pelo mediador ao final de seu trabalho. As cinco etapas referem-se aos seguintes passos:

1. estímulo lúdico, que compreende o momento de ingresso da criança no universo fictício oferecido pelo livro literário,
2. leitura, que proporciona à criança o contato com a obra literária infantil;
3. reflexão sobre a leitura, em que as crianças e o mediador conversam livremente sobre a história;
4. atividade criativa, que parte do tema da história; nessa etapa, as crianças são convidadas a realizar tarefas de releitura da obra lida;
5. desfecho lúdico, que envolve o momento da socialização da atividade criativa.

Além dos dados de identificação e das informações sobre as cinco etapas metodológicas, também fazem parte da ficha o registro dos recursos utilizados, a reação das crianças e a impressão pessoal do mediador. A ficha de registro diário é utilizada em todas as Oficinas oferecidas pelo CLIC. Contamos, também, com o registro, em ficha, dos recursos materiais disponíveis às crianças.

Para a aplicação da entrevista com as crianças, elaboramos um roteiro<sup>12</sup> do qual constam primeiramente, dados de identificação do entrevistado, ou seja, nome, idade e série, seguidos por sete questões. Tomamos o cuidado, na preparação dos questionamentos, de omitir palavras como “leitura”, “literatura” e “livros”, para tornar

---

<sup>11</sup> Vide anexo.

<sup>12</sup> Vide anexo.



as respostas as mais espontâneas possível em relação à prática da leitura. As perguntas elaboradas referem-se às motivações do participante, suas preferências e suas impressões do ambiente físico e humano do CLIC. Poderíamos ter utilizado outros meios, como o questionário. No entanto, consideramos o grau de dificuldade das crianças para se expressarem por escrito, uma vez que, tanto a leitura como a escrita, para os frequentadores do CLIC, ainda estão em processo de aprendizagem, independentemente da idade e da série escolar. A técnica escolhida, em nossa compreensão, pode evitar maiores desvios nas respostas. Isso porque, o pesquisador, ao formular as questões do instrumento, pode privilegiar mais seus interesses e tornar sua pesquisa muito tendenciosa. Vale comentarmos que, no intuito de somar dados para a pesquisa, também cogitamos entrevistar os responsáveis pelas crianças. Para tanto, necessitaríamos visitar os espaços da Vila; fomos, porém, dissuadidos da idéia pois, naquele momento, tornou-se inviável nossa circulação em razão do aumento de ações violentas nas ruas da comunidade.

### 3.4 REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Em relação às Oficinas, sua aplicação sucedeu de abril a novembro de 2008. É importante salientar que a visão dessa pesquisadora foi mediada pela colega Katiane Crescente Lourenço, presente durante todo período da realização da Oficina de Literatura e Biblioteca. Ao término de cada sessão, as mediadoras descreveram as etapas da atividade proposta, a reação das crianças e as impressões da atividade, preenchendo a ficha de registro. A soma dos registros totalizou o número de 37.

O inventário dos recursos materiais disponíveis às crianças integrantes do CLIC, ou seja, o acervo das obras, computadores com acesso à *internet*, aparelhos de TV, DVD e CD ocorreu durante a aplicação da Oficina.

As vinte crianças entrevistadas são moradoras da Vila Nossa Senhora de Fátima e, portanto, de baixo poder aquisitivo e, como visto no capítulo anterior, em situação de risco social. O acesso à cultura da leitura literária no contexto da Vila é praticamente inexistente. Os participantes da pesquisa foram frequentadores das Oficinas por no mínimo dois semestres e, como condição para participar do CLIC, estavam regularmente matriculados no Ensino Fundamental.

A aplicação da entrevista gravada aconteceu no segundo semestre de 2008, aos finais da sessão da Oficina de Literatura e Biblioteca e cada criança da amostra foi ouvida individualmente. Tivemos essa atenção, porque nos pareceu que a criança, estando no grupo, poderia ser influenciada pelas respostas de seus pares. Não houve dificuldades para aplicação da entrevista. As crianças foram receptivas à proposta de entrevistá-las e cooperaram prontamente com a pesquisa. A nosso ver, a boa receptividade e a confiança na pesquisadora deram-se pelo conhecimento prévio, uma vez que mediávamos a Oficina em questão.

### 3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

Em relação à entrevista, de posse da gravação das respostas às questões, partimos para a transcrição e digitação do material. Antes de iniciar a interpretação dos dados, procuramos estabelecer categorias ou agrupar esses elementos em torno de um conceito. De acordo com Romeu Gomes: “as categorias podem ser estabelecidas antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, ou a partir da coleta de dados” (1994, p.70). As categorias para esse trabalho, que surgiram a partir das sete questões da entrevista, são as seguintes:

- A) motivações,
- B) preferências,
- C) impressões sobre o ambiente físico,
- D) impressões sobre o ambiente humano

Organizamos os dados em um quadro, através do qual foi possível ter uma visão específica e geral das respostas, o que facilitou a análise e a interpretação.

Quanto às informações coletadas nas fichas de registro diário, elas foram ordenadas de maneira a serem sintetizadas em um quadro da seguinte forma:

- A) Mês,
- B) nº de participantes,
- C) objetivos,
- D) estímulo,
- E) roda de leitura,
- F) atividade criativa,
- G) reação das crianças,
- H) impressão pessoal.

A partir do quadro geral, foi possível obter uma visão ampla e específica dos dados ali contidos. Com o inventário, foi possível descrever os recursos materiais disponíveis e mostrar como esses elementos podem ser integrantes na formação do leitor.

Após a fase da organização dos dados, passamos para a análise, considerando esse momento como mais uma oportunidade de compreender a realidade. Conforme Minayo (1994) essa fase permite uma compreensão dos dados coletados, respondendo ou não aos questionamentos formulados, a ampliação do conhecimento a respeito do assunto pesquisado e a contextualização do problema junto ao meio cultural do qual faz parte.

Feita a análise, os resultados obtidos foram interpretados à luz da teoria exposta no primeiro capítulo deste estudo. Finalmente, a partir da interpretação dos dados foi concluído, realizamos o processo de pesquisa no qual procuramos dar resposta às questões norteadoras, atendendo aos objetivos propostos.

*A biblioteca é total. [Tem] tudo o que é dado expressar: em todos os idiomas. Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia desses catálogos, o evangelho de Basílides, o comentário desse evangelho, a versão de cada livro em todas as línguas, as intercalações de cada livro em todos os livros.*

*Jorge Luís Borges*

## 4 OFICINA DE LITERATURA E BIBLIOTECA: AÇÃO MEDIADORA

### 4.1 DINÂMICAS DE MEDIAÇÃO

Situarmo-nos dentro de um espaço de leitura parece uma tarefa fácil, mas nem sempre é assim. No caso de uma biblioteca, por exemplo, que é formada por elementos heterogêneos, como arquitetura, tecnologias e organização material, regras e regulamentos podem ser complexas demais para crianças não habituadas a esse tipo de ambiente, tais como as da Vila Fátima.

Na perspectiva de familiarizar as crianças participantes do CLIC com esse ambiente de leitura, simulamos um contexto de biblioteca. Buscamos criar situações em que a criança conhecesse a disposição dos livros, sua catalogação, alguns dos autores disponíveis no acervo e o uso de outros suportes para chegar à literatura.

Além disso, as preparamos para os Encontros Culturais que, como exposto anteriormente, visavam o contato com profissionais ligados à produção cultural. Em suma, pretendíamos que essas crianças, ao estarem em um espaço de leitura, como é a biblioteca, tivessem a noção de como proceder para usufruí-lo.

Os encontros aconteceram uma vez por semana, primeiramente, de abril a julho, no turno da tarde e, a partir de agosto, também pelo turno da manhã. O total de encontros oferecidos foi de 37, e mantiveram-se assíduas 20 crianças.

Por meio da apresentação dos escritores do acervo, de forma lúdica, buscamos nessa ação mediadora oportunizar às crianças: conhecer um pouco da história pessoal e das obras desses autores, reconhecer a que gênero cada obra pertence e identificar, durante a apresentação do livro, o título, o autor, o ilustrador e a editora. Além disso, seguindo os critérios do acervo, incentivar a procura nas estantes de obras dos autores descritos, bem como o uso da *web* para busca de *sites* de escritores, de bibliotecas e de exposições de artes. Por fim, as incentivamos a selecionar, localizar, manusear as obras e praticar a leitura silenciosa. Tais objetivos dizem respeito às competências necessárias ao leitor polivalente.

Tivemos, em nossa pesquisa, a preocupação em proporcionar às crianças o aspecto polissêmico da leitura literária pela seleção dos autores trabalhados na Oficina. Além disso, conforme já referido, como muitas bibliotecas escolares e municipais possuem, na maioria dos casos, acervos defasados, a experiência propiciou às crianças tomarem contato com obras de escritores ainda desconhecidos para elas. Os autores selecionados no período da realização da Oficina foram: Elias José, Pedro Bandeira, Sylvia Othof, Sérgio Capparelli, Ruth Rocha, Celso Gutfreind, Leticia Dansa, Salmo Dansa, Cecília Meireles, Roseana Murray, Ricardo Azevedo, Gláucia de Souza, Ângela Lago, Eva Funari, Gládis Maria Ferrão Barcellos, Liliana Iacocca, Michele Iacocca, Machado de Assis, Ziraldo, Mario Quintana e Vinícius de Moraes.

Para a escolha desses autores, tivemos como critério o interesse de leitura voltado às crianças de 7 a 10 anos – por ser a faixa etária do público participante da Oficina – e sua capacidade leitora. Para que as obras literárias pudessem despertar o desejo de leitura nessas crianças, buscamos levar em conta, além da qualidade literária do texto, outros aspectos como os gráficos e as imagens. A proposta foi de apresentar o maior número possível de escritores do acervo; no entanto, não delimitamos uma quantidade mínima ou máxima de livros para serem trabalhados na Oficina. Ao encerrar cada encontro, discutimos os resultados e, a partir deles, para nova sessão, escolhemos, dentro dos critérios descritos, o novo autor e a maneira de apresentá-lo.

Em relação aos estímulos propostos, a fim de incentivar as crianças a conhecerem os autores do acervo, partimos da apresentação do livro do escritor escolhido, por meio da contação de histórias e/ou declamação de poemas, utilizando de recursos variados, como dobradura em papel, música, acesso ao site do autor pela *Internet*, desenho, produção textual. Alguns dos expedientes empregados foram sugestões das próprias crianças, coletadas no primeiro encontro, como “uso do computador, assistir DVD, desenhar e escrever o que mais gostou da leitura” (03/04/2008).

A declamação de poesias de escritores como Pedro Bandeira e Sérgio Capparelli ou a brincadeira com o poema de Cecília Meireles “Língua do nhem”, em que a mediadora apenas falava “nhem-nhem” com as crianças antes de iniciar a

leitura do poema, incentivaram a busca de outras obras desses autores pelas crianças, como demonstrou os registros sobre a atividade:

As crianças gostaram muito do livro **Por enquanto eu sou pequeno** pediram a leitura de novas poesias pela mediadora e demonstraram interesse em lê-lo durante a leitura silenciosa (24/04/2008)<sup>13</sup>.

Elas gostaram muito dos poemas do autor [Sergio Capparelli], acharam engraçados. Continuaram lendo os poemas do autor na leitura silenciosa (15/05/2008).

As crianças se divertiram muito com a brincadeira com a língua do “nhem” estimulada pela mediadora. Pediram para ouvir mais poesias do livro de Cecília Meireles (06/08/2008).

A estratégia para a contação das histórias das autoras Sylvia Orthof e Gládis Maria Ferrão Barcellos propiciou às crianças envolverem-se com o conteúdo das narrativas. De Orthof, lemos **Se as coisas fossem mães**, iniciando com a conversa sobre as mães; de Barcellos, lemos **Tudo por um pacote de amendoim**, utilizando o recurso do avental e as personagens móveis. O relato da reação das crianças demonstrou o seu envolvimento, compreensão e satisfação com leitura das narrativas:

As crianças falaram o que gostavam de fazer com as suas mães, algumas tiveram que pensar bastante para responder. Após, foi contada a história e as crianças gostaram muito e, depois, começaram a relacionar como o texto apresentava outros objetos, por exemplo, “a estante é mãe dos livros”, “a árvore é mãe das frutas”. Teve uma criança que disse que o armário era mãe das coisas que tem dentro dele, aí a mediadora perguntou: “O armário?” E eles disseram: “Ah, não, o armário é pai.” No final, pediram para escrever sobre as mães (08/05/2008).

---

<sup>13</sup> Exemplos de fichas de registro encontram-se em anexo ordenadas cronologicamente.

Gostaram da história e participaram dela, pois a cada personagem colocado no avental elas davam hipóteses de quem seriam os próximos e ajudaram a recontar a história só com os personagens (09/10/2008).

A leitura oral das obras literárias permitiu o encontro das crianças com os livros. Na medida em que o mediador lia em voz alta o texto, facilitava a sua decodificação, tornando sua compreensão mais legível às crianças e propiciando a elas atribuírem um sentido a esse texto. Desse modo, a oralidade do texto literário conduziu as crianças para outro comportamento leitor, o da leitura silenciosa do texto ouvido. Essa passagem de um modo de leitura a outro demonstra o começo de uma prática mais livre, mais autônoma para a constituição leitora.

Outros recursos foram utilizados, como estímulo à leitura dos autores. Para introduzirmos Monteiro Lobato, lemos o texto **Meu amigo mais antigo**, de Ziraldo. Encantado pela leitura do livro de Lobato, Ziraldo apresenta-o como seu melhor amigo. Foi utilizado também o CD de música do **Sítio do Picapau Amarelo** em que as personagens são descritas através das canções. A procura na *Internet* pelo site da autora Ruth Rocha, após a leitura da narrativa **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**, foi outro expediente que completou a dinâmica. Da mesma forma, percebemos nos registros a receptividade e interesse das crianças em conhecer as obras desses autores:

Eles gostaram muito de escutar as músicas sobre as personagens do **Sítio do Picapau Amarelo**, a maioria conhecia as personagens mais pelo programa da TV do que pela leitura dos livros de Lobato. Conversamos bastante sobre as características de cada personagem do **Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Estiveram atentas ao ouvir o CD e responderam às questões propostas. Compreenderam a relação do Dia Nacional do Livro, comemorado na data de nascimento de Monteiro Lobato. Divertiram-se em realizar a atividade. Na leitura silenciosa houve procura dos livros de Lobato (17/04/2008).

Gostaram muito de conhecer as outras obras da autora, mas principalmente de mexer no computador, que era algo que as crianças pediam há muito tempo. Mesmo assim, algumas crianças pediram para fazer a leitura silenciosa, o que demonstra que estão gostando muito desse momento (19/06/2008).



Percebeu-se que as crianças se envolveram bastante na atividade do computador, mas gostaram muito da narrativa lida, tanto que estavam revezando a leitura do livro (19/06/2008).

A propósito, ainda, do entusiasmo das crianças em utilizarem o computador para visitar o site da autora Ruth Rocha, constatamos que este não foi um fator desmotivador para realizar a leitura silenciosa. Podemos entender, a partir dessa constatação, que as leituras tanto no suporte digital quanto no papel podem ser perfeitamente compatíveis, de maneira a completar a satisfação de leitores iniciantes, como são as crianças do CLIC.

A reação dos participantes, após a confecção de uma dobradura de papel referente à história **Zuza e Arquimedes**, de Eva Funari, lida pela mediadora, foi a de, a partir da leitura ficcional, estabelecer a leitura de sua realidade, de um cotidiano cercado de opressão e ameaças, próprio da Vila Fátima. A atividade consistia em confeccionar um baú de dobradura, em referência ao da capa do livro, escrever em um papel quatro elementos ou situações das quais mais elas tinham medo e colocar dentro do que denominamos “Baú dos medos”. Vejamos:

Gostaram da história e participaram contando junto com a mediadora, pois era um livro de imagens. Gostaram do baú e a menina colocou que um dos seus medos era de estuprador, o que nos chamou muito a atenção. Já o menino colocou de bruxa, monstro, etc.[...]; percebemos que eles gostaram da história e adoraram fazer a dobradura. O que nos chamou a atenção foi o fato de o menino colocar que seus medos são coisas mais imaginativas do que reais e a menina colocar estuprador e outras coisas bem reais, como o medo de ladrão (25/09/2008).

Da mesma forma, a leitura pelo mediador do **Conto de escola**, de Machado de Assis, suscitou comentários das crianças a respeito da palmatória, instrumento utilizado pela personagem da narrativa para repreender os alunos. Relacionaram com outros elementos que igualmente podem agredir as pessoas, como paus,

cassetetes, cintas, cadeiras. O tema da violência, de fato, aproximou-se de sua realidade.

Em relação à leitura silenciosa praticada pelas crianças do CLIC, observamos gradativo prazer nessa forma de ler, e também a autonomia na seleção dos livros. Na medida em que elas conheciam os autores apresentados e realizavam a procura de suas obras nas prateleiras, identificando a qual gênero literário pertenciam, adquiriam maior segurança em suas escolhas para leitura silenciosa. Tal situação nos remete ao que Michele Petit diz sobre o indivíduo sentir-se autorizado a ler, a manusear os livros, a aproximar-se da estante dos livros, sem receios. Vale esclarecer que, na maioria das vezes, a leitura foi realizada em duplas (leitura em voz alta, própria de quem está em uma fase inicial do processo de apreensão da leitura) e, outras vezes, de fato, a leitura foi individualizada e compenetrada. Em nosso entendimento, em concordância com as afirmativas de Chartier sobre a importância de leitura silenciosa para independência do leitor, foi possível dar condições para que as crianças pudessem usufruir dela no decorrer da Oficina. Nas informações sobre a evolução da prática da leitura silenciosa, a seguir, também constatamos como as crianças demonstraram competência em identificar o gênero das obras do acervo e localizá-las, como vemos:

Neste encontro houve maior concentração para ouvir a poesia lida pela mediadora, alguns fecharam os olhos para melhor sentir a poesia. As explicações sobre localização dos livros e classificação em gêneros foram bem compreendidas, não havendo maiores dificuldades. A leitura silenciosa foi mais concentrada e para a produção textual não houve resistência. Chama atenção na escrita das crianças o uso da palavra “ilustração” (10/04/2008).

O Andrei e o Tiago não conseguiram se concentrar muito na leitura silenciosa. Mas o Dionatan, o Bruno, o Davi, o Gustavo e o Darlei estão muito envolvidos com o ato de ler e mostram muito interesse em terminar a leitura do livro que retiram (17/04/2008).

Acreditamos que, a cada oficina, as crianças entendem mais a importância da leitura silenciosa para que possam entender o texto; apenas o Andrei não está conseguindo se concentrar e algumas vezes dispersa os colegas. Mas estamos insistindo para que ele leia, ajudando-o na escolha dos livros. Ao procurarem os livros para leitura silenciosa, algumas crianças chamaram a atenção para

identificação da etiqueta errada: eram de poesia e não narrativa. Nota-se a compreensão do gênero do livro e sua classificação usada na biblioteca do CLIC (fitas coloridas) (24/04/2008).

A cada vez, as crianças envolvem-se mais com a apresentação dos autores. Encontram os autores na estante e identificam o gênero literário de acordo com a classificação da biblioteca do CLIC [...]. A preferência por realizar a leitura silenciosa é crescente (15/05/2008).

Acrescentamos que, ao realizar a leitura silenciosa, foi propiciado a cada criança o direito de escolher o que gostaria de ler, conforme sua curiosidade e seus interesses. Portanto, as competências demonstradas pelas crianças apontam para a constituição gradual de um leitor com poder, liberdade e apreciação, condições necessárias para criar a cultura da leitura literária.

Tratando-se dos Encontros Culturais, explanados no capítulo anterior e que visavam a aproximar das crianças os profissionais da produção cultural, foi por meio de estímulos variados que os mediadores procuraram preparar as crianças. O estímulo para sensibilizá-las para o encontro com o autor Giordano Gil foi procurar na estante suas publicações e conhecer a sua história pessoal, lendo as informações biográficas contidas em seus livros e explicadas pelos mediadores. As reações das crianças à sensibilização e ao encontro foram assim:

As crianças gostaram de ouvir a história pessoal do autor [Giordano Gil], demonstrando atenção e interesse (29/05/2008).

As crianças presentes envolveram-se ativamente na proposta do autor [Giordano Gil]. No entanto, apenas duas crianças das nove que participaram da sensibilização para o Encontro Cultural, compareceram à atividade. As outras já haviam participado da oficina de Viviane Gil [e não participam mais do CLIC], mãe do autor e ex-mediadora do CLIC, presente no dia. Refletimos sobre o motivo da escassa presença das crianças sensibilizadas anteriormente: terá sido suficiente a atividade proposta na sensibilização para motivá-las? (05/06/2008)

Para o encontro com a escritora Paula Mastroberti, da mesma forma foi solicitado às crianças que procurassem no acervo suas obras. Depois, cada uma apresentou uma obra da autora ao grupo, lendo a primeira e a quarta capa. Em seguida, os mediadores conversaram sobre a obra **Cinderela**: uma biografia autorizada e as crianças produziram desenhos sobre a história para entregar à autora no dia do Encontro Cultural. Participaram da atividade sete crianças, e as observações foram:

Acreditamos que as crianças estão bem motivadas a participarem do Encontro Cultural com a autora. Percebemos como as crianças gostam de se expressar em forma de desenho. Envolveram-se muito na atividade e realmente fizeram com muito capricho os seus desenhos (26/06/2008).

As considerações do dia do Encontro Cultural foram:

Percebemos o envolvimento da menina no momento da contação de história e a felicidade quando ganhou o livro. Mesmo sendo apenas uma criança ela participou bastante colocando as suas idéias e questionando. Ela entregou para a escritora os trabalhos feitos na oficina anterior (03/07/2008).

No Encontro Cultural com o escritor Celso Sisto , as crianças sensibilizadas para essa atividade estiveram presentes. Vale salientarmos que Celso Sisto, naquele período de 2008, foi mediador da Oficina de Literatura e Jogos Literários do CLIC, ou seja, era familiar às crianças.

A aparente contradição entre a reação positiva das crianças à sensibilização para receber os autores convidados e a pouca frequência aos encontros leva-nos ao pensamento de Bourdieu, e uma interpretação possível seja a de que provavelmente as crianças sentiram-se pouco à vontade em tomar parte de uma prática cultural do mundo letrado, fora de seu cotidiano. Foi diferente quando elas já tinham um contato pessoal anterior com o autor, como foi o caso de Giordano Gil e Celso Sisto. A falta de habilidade delas para vivenciar um momento com o criador de uma obra artística, possivelmente levou-as a não se darem conta da oportunidade oferecida. Nessa perspectiva, remetemo-nos às reflexões de Petit e Butlen sobre os limites da

mediação. As dinâmicas propostas pelos mediadores, com a intenção de preparar as crianças para desfrutarem uma prática da cultura legitimada, não conseguiram transpor a fronteira entre o mundo letrado para o não letrado, pois o problema envolve outros fatores como, por exemplo, uma política que propicie um bom nível de educação a todas as classes sociais. Acreditamos ser pertinente uma investigação mais aprofundada sobre a hipótese de ter sido uma questão de ordem cultural o fato que impediu as crianças de comparecerem em maior número aos Encontros Culturais, como interpretamos, ou de outra ordem.

Todavia, ainda que a falta de uma herança da cultura legitimada possa dificultar a apreciação de uma obra artística, existe a possibilidade de elevar o potencial de um indivíduo pelas influências socializadoras, segundo o pensamento de Lahire. Tomamos o registro da leitura e a audição do livro **Cantigas de ninar vento**, de Gláucia de Souza, em que as crianças se divertiram muito com os poemas musicados. O CD foi tocado várias vezes, acompanhado pelas crianças que liam e cantavam, juntas, os poemas. Destacamos o encontro posterior, em que elas solicitaram novamente a leitura da mesma obra:

Kelvin e Thomas gostaram tanto da atividade da oficina anterior que pediram para ler novamente o livro da Gláucia de Souza e escutar o CD. Depois, desenharam baseados nos poemas do livro. Kelvin copiou os poemas para levar para casa (18/09/2008).

A música e a poesia de fato mexeram com as crianças. Estavam calmas e muito concentradas. Acreditamos que Kelvin encontrou na poesia seu gênero para leitura (18/09/2008).

A partir da teoria de Lahire sobre as disposições e variações individuais, presumimos que essa dinâmica, pelo envolvimento geral das crianças, pela reação prazerosa à leitura e à audição da poesia, estando elas seguras frente aos seus pares e dentro de um ambiente conhecido, provavelmente contribuiu para acionar o prazer estético da leitura em Kelvin. Desse acontecimento fundador, Kelvin passou a selecionar livros de poesia para sua leitura silenciosa. Intuímos, portanto, partindo da premissa preconizada por Louichon, de que o alicerce do evento de leitura é biográfico e literário, que esse novo encontro com a leitura da poesia foi o evento

gerador da experiência de leitura de Kelvin e foi também registrado em sua memória. Em outras palavras, a vivência desse efeito especial criado pela obra de arte literária de nos distanciar do modo prosaico como captamos o mundo, permite-nos, por meio da visão artística, penetrar numa dimensão nova e imprimi-la nas prateleiras de nossa biblioteca interior.

No desenvolver das atividades propostas pela Oficina, algumas crianças demonstraram que certos textos lidos se fixaram em sua memória e souberam associá-los aos outros livros que leram. Os registros abaixo evidenciam esse início da noção de intertextualidade, que permite ao leitor reconhecer a reformulação de um texto noutro, e, para isso acontecer, é necessário um exercício intelectual de leitura dos textos. A partir de um distanciamento crítico para comparar os textos lidos e fazer as relações entre eles, a cultura da leitura literária sedimenta-se. Essa competência é uma importante referência para a formação do leitor multimídia ou polivalente de nosso século. Os relatos são os seguintes:

Kelvin fez a ligação entre a história do livro de Ângela Lago [**Uni duni tê**], apresentada pela mediadora, e o livro por ele escolhido **Diga um verso bem bonito**. Ambos tratam de cantigas populares de roda (2/10/2008).

A Luana leu o livro **Beijo de sol**, outra obra do autor trabalhado [Celso Sisto], e percebeu, ao final do livro, que o autor terminava com a expressão **Ou isto ou aquilo**, remetendo-a à obra de Cecília Meireles, que havíamos trabalhado na semana anterior (14/08/2008).

Nesse processo de familiarização em um ambiente de leitura, auferimos que foram manuseadas, lidas, folheadas, relidas um total de 268 obras, de acordo com os registros. Ou seja, cada criança em média teve contato com 13 livros/ano, bem mais que a média nacional de leitura (4,7 livros/ano, pesquisa Retratos da Leitura no Brasil). Por esses dados, seguramente se ampliou o horizonte de leitura das crianças participantes da Oficina de Literatura e Biblioteca.

Em termos da socialização da leitura, constatamos que esta ocorreu em diversos momentos da Oficina. Algumas dessas trocas de informação entre as

crianças aconteceram durante a apresentação dos trabalhos sobre a leitura realizada, como descrito a seguir:

Apresentação do livro sanfona confeccionado para o grupo, que se chamou: *Minhas Histórias Preferidas* (03/04/2008).

Elas demonstraram muito interesse em realizar a atividade de dobradura, bem como apresentar o seu livro; todos realizaram a atividade (03/04/2008).

[...] Acreditamos que as crianças gostaram de fazer a dobradura e, principalmente, da apresentação do seu trabalho. Observamos a confusão delas entre as personagens da literatura e as personagens de seriados da TV e do cinema. As preferências relatadas foram: **Menino Maluquinho; Cebolinha; Homem Aranha; Um coração partido; Uma fada muito linda; O patinho feio; O massacre da serra elétrica; A bruxa Miuza vai à França;** O Rabicó; O sabugo de milho (Visconde de Sabugosa); Esmilinguido; Saci e a Cuca (03/04/2008).

Leitura e apresentação do livro de imagem escolhido para o grupo. [...] Núbia de 6 anos, irmã de Larissa, leu o livro de imagens **O Palhaço** e depois recontou com suas palavras toda a narrativa. Depois, Larissa também leu o livro de imagens **Essa tal de escola como será?** e o recontou com suas palavras (04/09/2008).

Buscar no acervo as obras de sua preferência e apresentação aos colegas.

[...] Participaram ativamente dando suas opiniões. Apresentaram e leram os livros de suas preferências Trocaram entre si os livros e, assim, faziam a propaganda do mesmo. A leitura foi feita espontaneamente em duplas e trios. Não houve leitura silenciosa. As preferências foram as seguintes: Luana – **A verdadeira história dos 3 porquinhos** e **A bruxa Salomé**; Edna – **A joaninha que perdeu as pintinhas**; Katiussa – **A casa sonolenta**; Larissa – **Meus macaquinhos**; Andreolle- não definiu uma obra, mas gosta da “figura” (imagem); Thomaz - **O pato atolado**; Kelvin - **Salada, saladinha**; Felipe - **Reginaldo, o rei da floresta** e **Reginaldo, Tiranossauro** (24/07/2008).

Notamos que as discussões sobre as obras também surgiram durante o momento da leitura silenciosa, em que algumas crianças preferiam compartilhar do mesmo livro. Igualmente, na seleção do livro para leitura silenciosa, muitas seguiam as sugestões dos colegas, outras ajudavam a procurar uma determinada obra.

Para formar um leitor crítico, saber o que o outro interpretou do texto lido é fator que favorece o entendimento da obra literária, amplia o sentido do texto, propicia novas interpretações, o que significa que a socialização da leitura permite o amadurecimento leitor de todo o grupo. Nesse sentido, foi observado pelos relatos que as crianças do CLIC foram capazes de compartilhar, discutir e abrir a perspectiva para um entendimento coletivo do texto. A partir da socialização da leitura das crianças, identificamos que, ao propiciarmos momentos para o diálogo sobre suas percepções de leitura, contribuímos para a constituição de uma comunidade de leitores.

## 4.2 ESPAÇO E RECURSOS MATERIAIS

A sala em que está instalado o CLIC, como explicado no segundo capítulo deste trabalho, está situada nas dependências do Centro de Extensão Universitária Vila Fátima. O espaço do CLIC foi se compondo, ao longo de sua história, dentro de determinadas condições, tendo como princípio oferecer um ambiente de leitura voltado à criança. A sala de 20m<sup>2</sup>, que permite trabalhar confortavelmente com o número de oito crianças, pode abrigar, quando necessário, até 12 participantes.

Os tons neutros das paredes (brancas), cortinas (bege) e do piso (cinza claro) permitem uma harmonia com os materiais coloridos existentes na sala, propiciando uma sensação de bem estar visual e estimulando o gosto em permanecer no ambiente.

A sala é bem ventilada e, nos dias de mais calor, é possível utilizar o ventilador de teto. O ambiente é iluminado, seja pela luz natural ou por lâmpadas



fluorescentes, instaladas no centro do teto da sala. O piso é de uma textura do tipo *paviflex*, o que garante segurança e higiene. Com esses recursos, aspectos como temperatura ambiente, ventilação, claridade e revestimentos oferecem conforto ao uso do espaço.

As mesas, em número de oito, são revestidas por estampas de capas de livros infantis. Algumas vezes, foi possível observar as crianças consultando as estampas como se um catálogo fossem, em seguida procurando na prateleira o livro desejado. Afora as cadeiras, um tapete e almofadas são acessórios que as crianças aproveitam para realizar leitura silenciosa e audição da leitura, feita pelos mediadores. Dentro desse ambiente físico, inserem-se, ainda, o acervo, computadores com acesso à *internet*, murais e aparelhos de TV, DVD e rádio/CD.

O acervo do CLIC<sup>14</sup> contempla obras, em sua maioria, da Literatura Infantil e Juvenil. Compõem, em boa parte, os livros de ficção, clássicos e contemporâneos de reconhecida qualidade. O total de títulos disponíveis é de 1.347, composto da seguinte forma: livros de narrativa, 1009; de poesia, 135; de imagem, 58; informativos, 105; de língua estrangeira espanhol, 30 e de língua estrangeira inglês, 7 e, por fim, drama, 3. A ordem física dos livros segue a classificação por cores, gêneros e ordem alfabética do sobrenome do autor. Os livros são marcados por fitas coloridas que informam a que gênero literário pertencem. Existe, em cada porta dos armários, uma legenda indicando as cores de cada gênero. A ordem dos livros é menos rígida facilitando o acesso das crianças, que vem ocorrendo com destreza por partes das mesmas, como visto nos registros. Outros acervos, como de vídeos/filmes e música, ainda não foram organizados, embora existam no CLIC exemplares desses materiais.

São quatro os computadores com acesso à *internet*, os quais oportunizaram a visita das crianças aos *sites* de autores apresentados, aos jogos virtuais infantis, da Academia Brasileira de Letras e à exposição virtual **Livres d'enfants d'hier et aujourd'hui**, da Biblioteca Nacional da França. Naquele momento, estava em fase de organização um catálogo eletrônico para consulta on-line do acervo do CLIC.

---

<sup>14</sup> A contagem de livros do acervo foi em dezembro de 2008.

O espaço físico do CLIC configura-se como um ambiente que permite às crianças sentirem-se acolhidas, que convida a permanecer e à leitura, ao encontro com o outro e ao diálogo. Destacamos, também, a confiança das crianças, que se sentiram seguras, uma vez que o Centro de Extensão Universitária, como explicou o coordenador José Francisco Bergamaschi, é um lugar de zona livre de violência, um campo neutro da comunidade. Em termos de materiais, ainda que possa ampliar o acervo de impressos, adquirindo HQs, por exemplo, constituindo outros tipos de acervos, obtendo computadores de geração mais recente, o espaço nos parece sintonizado com a criança de hoje, fazendo conviver impressos, sons e imagens de acordo com as mudanças tecnológicas. Consideramos que a oferta de todos esses materiais gera interesse para a criança, criando vínculos que a levam ao desejo de ler.

No decorrer das análises sobre as dinâmicas oferecidas, dentro do espaço e com os recursos do CLIC, também nos chamou atenção o papel desempenhado pelo mediador como elo essencial da leitura. Ainda que possamos nos questionar sobre a imparcialidade de nossa interpretação dessa função, por ser uma pesquisa participante, sentimos a necessidade de apresentar certos aspectos desse mediador.

Dentre os elementos que levamos em conta, alguns são marcantes. A afetividade dos mediadores pode ser vista no modo de falar, no tom da voz e na proximidade com as crianças na leitura oral, na atenção ao ouvi-las, no olhar “olho no olho” e na aceitação do afeto demonstrado por elas. Tais posturas auxiliaram a estabelecer uma relação de acolhimento das crianças.

Na atitude de permitir a entrada de crianças sem a idade mínima prevista, levando em conta o desejo das mesmas de participar da Oficina, como foi o caso de Felipe e, às vezes, na necessidade de acompanhar o familiar, como aconteceu com Núbia, os mediadores foram sensíveis. Ainda que ignorando as normas, demonstraram compreender a situação posta e, assim, estimularam o vínculo dessas crianças com a leitura e com o espaço do CLIC. As ações de mediação devem estar abertas às questões novas que se apresentam, pois as reações dos sujeitos envolvidos, suas necessidades e interesses alteram-se continuamente.

Outro elemento que nos pareceu importante foi a flexibilidade na inclusão de tarefas solicitadas pelas crianças, embora os mediadores tivessem uma programação definida; foi o caso do pedido de Kelvin e Thomaz de, novamente, realizarem a atividade sobre o livro **Cantigas de ninar o vento**, de Glaucia de Souza. Se não fosse a flexibilidade dos mediadores, talvez Kelvin não passasse a se interessar pela leitura de poemas. Contudo, estamos cientes de que foi possível, em parte, ao mediador entrar no tempo da criança, porque as Oficinas do CLIC não seguem um rigoroso programa, permitindo certa maleabilidade. Essa flexibilidade é diferente do que acontece em algumas instituições de ensino que, por vezes, não oferecem ao mediador margem para alterações no programa estabelecido.

Por fim, percebemos que o domínio do repertório é fundamental para estimular a leitura nas crianças. Para saber selecionar os textos literários de acordo com a expectativa do leitor, dialogar sobre os conteúdos das obras, estabelecer ligações entre os recursos e reconhecer autores e ilustradores, é necessário cultura, formação e conhecimento de repertório. Daí, a preparação a que os mediadores se submeteram, através do curso de pós-graduação, de modo a chegarem ao estágio satisfatório para a seleção dos autores e das obras apresentadas às crianças do CLIC. Isso se deu por meio de critérios que levaram em conta o leitor e o uso de recursos como o computador e CDs de música conjugados com a leitura literária.

A mediação literária prevê a aproximação da criança ao livro de literatura, despertando-a para o gosto de ler. Por isso, é imprescindível ao mediador um perfil específico para tal função, que passa por uma formação qualificada e, também, por uma disposição para entrar no tempo desse leitor tão peculiar.

Como visto, as crianças participantes da Oficina foram muito receptivas ao tomarem contato com obras e autores, ao dialogarem sobre as leituras, ao acessarem a literatura por meio de dispositivos variados e ao praticarem a leitura de diferentes maneiras. Nesse ponto, refletimos o quanto pode ser significativo, para construir a cultura da leitura literária, a conjugação da oferta da obra com o modo de promover leitura. Como a forma de aproximar a criança da leitura literária pode influenciar em sua constituição leitora é uma indagação para ser respondida.

### 4.3 VOZ DA CRIANÇA

Dar voz à criança permite que possamos apurar mais diretamente o que pensa, entende e espera esse que é o destinatário principal de uma ação de formação do leitor literário, como a do CLIC. As crianças entrevistadas possuem a idade entre oito e dez anos, ainda que dois deles tenham 12 anos e outros dois, 13 anos. Das 20 crianças ouvidas, dez são do sexo feminino e dez do sexo masculino, o que demonstra um equilíbrio na participação tanto de meninos quanto de meninas, quando, geralmente, as pesquisas sobre práticas de leitura conferem ao sexo feminino primazia no consumo da literatura. Cursam a segunda série do Ensino Fundamental, das 20 crianças entrevistadas, oito delas, com a idade entre oito e nove anos; a terceira série, cinco entre oito e dez anos; a quarta série, cinco, com idades entre 11 e 13 anos, e a quinta e sexta série respectivamente, uma de 13 anos e uma de 12 nos. O desnível entre idade e série interfere, por sua vez, na capacidade de leitura das crianças, colocando-as, quase todas, no mesmo grau de dificuldade.

Em termos da motivação para participar do CLIC, 65% das respostas auferidas foram tautológicas e positivas. Melhor explicando, a criança, ao ser questionada por que vem ao CLIC, respondeu por ser "legal", "é bom", "gosta". Contudo, Darlei, Kelvin, Thomaz, Gustavo Henrique e Adriana, nessa ordem, responderam:

Porque meu colega falou que é legal, que aprendia, aí eu vim<sup>15</sup>.

Pro que não tenho nada pra fazer em casa e aí minha mãe me botou e por causa que eu também achei legal da primeira vez que eu vim, aí eu comecei vir todos os dias.

Por causo que eu gosto, acho legal. Os professor também são legal.

---

<sup>15</sup> Todas entrevistas vide anexo C: entrevistas. Mantivemos, na transcrição das repostas gravadas, o modo como se expressaram.

Porque é muito legal e eu venho junto com minha irmã, às vezes.

Prá aprender mais coisas.

Acreditamos que as crianças participaram do CLIC por sugestões de amigos e familiares, pela aquisição de conhecimento, pelas relações humanas e pela mediação apresentada. Portanto, é muito provável, que a motivação das crianças para frequentarem o espaço de práticas de leitura do CLIC seja o ambiente e as atividades oferecidas, ali permanecendo, não por imposição, mas, sim, por opção.

Para a categoria preferências, consideramos necessário incluir três subcategorias: mais gostam, menos gostam e gostariam de ter. A maioria das crianças, entrevistadas sobre o que mais gostam de fazer no CLIC, responderam ler e usar o computador. Elas definem por leitura literária a leitura do livro e não consideram o computador como outro meio para a realização da leitura. No entanto, como toda criança do século XXI, também as da Vila Fátima são curiosas e desejosas de usufruir as novas tecnologias de leitura, ainda que não percebam que leem e leem muito, na medida em que a leitura do hipertexto propicia elaborar diferentes textos. Um exemplo está na resposta da Edna:

Mexer no computador. Porque gosto de mexer, de ver as pastas, de escrever, de desenhar, escrever um livro.

Kelvin, no entanto, em sua resposta, deixa claro que a leitura, além das realizadas nos livros, pode acontecer no computador:

De ler livros, das atividades e fazer computador. Porque no computador dá prá fazer jogos e ler; só porque tem livros legal.

Darlei, Itaina, Thomaz, Katiusca e Antieri responderam, além de ler e usar o computador, que gostam de desenhar:

Ler. Porque eu gosto de ler, escrever e desenhar.

Desenhar. Mais divertido, não fica preso com as coisas.

Ler e brincar. Também desenhar, também quando a senhora pede para eu ler livro. Por causo é legal eu posso tá apreendendo

Porque eu gosto muito de desenhar.

Eu gosto de ler livrinho e desenhar. Porque é muito bom e eu gosto e eu desenho sempre em casa.

As crianças apontaram, ainda, o que mais apreciam fazer no CLIC: 15% preferiram jogar e brincar, e apenas 5% nomearam as Oficinas de Literatura e Língua Estrangeira, de Literatura e Música, e de Literatura e Teatro. Não encontramos, nas repostas dadas, preferência pela escuta da leitura oral feita pelos mediadores, podendo significar o interesse pela leitura silenciosa, o que lhes permite maior autonomia. As atividades de ler e usar computador, distinguidas como aquelas que as crianças mais gostam de realizar no CLIC, demandam certas habilidades. Para leitura literária é importante saber selecionar, compreender como extrair informações de um paratexto, interpretar e saber relacionar os conteúdos com outros textos. No uso do computador, partindo da mesma idéia de ligação, é necessário saber manejar os *links* para chegar ao que se está buscando, ou seja, o computador exige certo preparo do leitor. Ao acessarem *sites* de escritores para jogar, baseados nas personagens das histórias lidas ou por ler, as crianças desencadearam uma leitura que poderá levar a outras. E quando relacionaram aos significados dos textos literários puderam acionar a imaginação e fazer um movimento em direção a outras leituras.

Para que elas adquiram tais aptidões leitoras, devem passar por uma aprendizagem e, pelas respostas dadas, as crianças esperam adquirir conhecimento. Portanto, supomos que elas reconhecem o CLIC como o espaço no qual lhes é oportunizada essa formação.

De acordo com a nossa pesquisa, 35% das crianças apontaram que “bagunçar e brigar” é o que menos gostam de fazer no CLIC, como se expressaram Bruno, Luana, Gustavo Henrique, Antieri, Natanael, Adriana:

Bagunça. Porque suja muito a sala e depois tem que arrumar tudo.

Menos gosto, aí fica difícil. De bagunça, de estragar as coisas, só.

Porque se a gente estraga uma coisa no outro dia não tem.

Incomodar e ir embora. Porque é muito chato ir embora do CLIC.

Só não gosto de brigar. Porque é muito ruim, depois eu apanho do meu pai.

Gosto de fazer tudo. Não gosto de brigar, de bagunça. Isso não é coisa de menino educado.

Brigar. Brigar não é boa coisa.

O dado sugere que as crianças percebem a importância de um ambiente harmonioso e tranquilo para a realização da leitura. Esse ambiente é bem diferente do vivido na Vila Fátima. Com respeito à mesma questão, 20% disse gostar de tudo, não existindo insatisfações; 10% disseram que menos gostam é de ler, escrever e da Oficina de Literatura de Língua Inglesa, e somente 5% responderam usar computador.

Sobre o que mais as crianças gostariam de ter no CLIC, a maioria, 40% respondeu: computadores. Todavia, apenas 10% responderam livros, como também o desejo de mais brinquedos, pátio e pracinha. Percebemos duas possibilidades para interpretação das respostas. A primeira é vista como uma contradição da

resposta em relação às anteriores no que se refere a “mais gostam”: ler e usar computador. Se o livro estivesse, de fato, no mesmo grau de importância do computador, provavelmente, apareceria no mesmo patamar ou próximo, com respeito ao que mais gostariam de ter no CLIC. Essa contradição é possível de ser interpretada que as crianças tenham internalizado o valor simbólico da cultura letrada pois, mesmo preferindo o computador, na questão referem-se ao livro como objeto importante. Lembrando Bourdieu, como as crianças da Vila não possuem a herança de uma cultura letrada e, tampouco, bom nível de instrução, como notamos, seja por sua maneira de se expressar, seja pela diferença entre a idade e a série escolar frequentada, saber apreciar um livro torna-se uma forma de distinção social. Havendo a necessidade de habilidades específicas para decodificar a obra literária, ela torna-se um bem simbólico. Por esse entendimento, as crianças responderam que o que mais gostam de fazer no CLIC é a leitura, aqui entendida por leitura de livros literários.

Por outro lado, a interpretação para as respostas pode ser diferente. As crianças sabem que apenas quatro computadores, em vários momentos, não são suficientes para atendê-las. Ocorreu ainda, de um ou outro computador não estar funcionando, dificultando o uso pelas crianças. Como dissemos, elas não possuem uma cultura erudita, e o CLIC, possuindo um acervo com 1347 livros, talvez, para quem certamente não possui uma biblioteca, possa parecer suficiente, não sendo necessário ampliar o acervo com novos títulos. Por isso, mencionaram o computador como que mais gostariam de ter.

No final, acreditamos que as duas interpretações sejam possíveis. As crianças entendem a leitura literária como um bem simbólico e, assim sendo, foi importante para elas mencionar essa atividade na entrevista; a necessidade mais visível para elas é a de um maior número de computadores na sala do CLIC. Podemos acrescentar que elas também foram autênticas ao afirmar que, junto com o computador, o que mais gostam é de ler, pois os registros diários demonstram o crescente interesse pela leitura silenciosa, passando de um suporte a outro.

As impressões sobre o ambiente físico do CLIC, pelas respostas à questão cinco, versam sobre a localização e a dimensão da sala. Em termos da localização,



a distância foi o que assinalaram Dionatan, Monique, Pablo, Itainara, Thomaz e Maria, nas seguintes respostas:

Para o Centro, não sei. No Centro de Porto Alegre. Eu acho para as pessoas que não podiam levar, que não podiam ir de ônibus.

Levaria prá minha casa. Porque lá não preciso sair de casa.

Não sei. Perto da minha casa? Aí fica mais perto.

Prá minha casa. Porque lá fica perto.

Não tenho idéia. Deixaria aqui mesmo porque é mais perto da minha casa. No mesmo lugar.

Perto da minha casa. Porque daí eu não precisava subir tudo isso.

As respostas comprovam o que já tratamos sobre a contextualização da Vila Fátima. O local de moradia de uma criança pode dificultar a sua entrada na cultura letrada. Os obstáculos, como ruas sem calçamento e sem asfalto, podem impedir, em dia de chuva, o deslocamento. Logo, para formar um leitor, devemos levar em conta diversos fatores, dentre os quais, políticas públicas além das mais evidentes, como são as da Cultura e da Educação. Significa que, a leitura não está desassociada de outros imperativos fundamentais para constituição de um cidadão, como aqueles de infraestrutura. Em relação às crianças, o esforço que a maioria delas realizou para chegar às dependências do CLIC demonstrou o valor que atribuem à ação nesse espaço .

A dimensão pequena do espaço físico, impedindo que maior número de crianças participe do CLIC, foi igualmente identificada na voz de Davi, Larissa e Kelvin:

Prá um postinho mais melhor. Porque é bom.

Prá minha vó. Lá na casa de minha avó é grande, tem bastante espaço.

Prá algum parque, assim fessora. Um parque de diversões, assim. Também lá é legal. Pra todo mundo se divertir.

Notamos, em algumas respostas, a vontade de socializar a ação do CLIC para outros espaços, compartilhando com outras crianças as práticas de leitura. Eis as repostas, por exemplo, de Edna e Darlei:

Para outras cidades mais pobres, pra outras crianças que não estudam vir brincar aqui no CLIC pra apreender.

Prá Taquaraí onde minha avó mora. Porque lá é legal pra fazer o CLIC.

Com referência às relações humanas, verificamos a importância dada pelas crianças à presença de familiares e amigos compartilhando as leituras, no ambiente do CLIC. Ao indagarmos quem elas convidariam para o CLIC, a maioria respondeu amigos e parentes. Nenhuma criança lembrou-se de convidar um escritor ou um ídolo do futebol, por exemplo. Possivelmente, para as crianças, a presença dos entes queridos possa lhes dar mais conforto, maior segurança em participar de um ambiente letrado.

Assim, as crianças frequentadoras regulares da Oficina de Literatura e Biblioteca reconhecem o CLIC como espaço lúdico e de aprendizagem, sobretudo de convívio social. Melhor dizendo, é ele visto como um espaço de livre participação, sem as obrigações escolares, de total autonomia para a leitura em seus diversos suportes, de troca de saberes entre a cultura legitimada e a cultura que as cerca, propiciando-lhes outra leitura do mundo, fora de seu difícil contexto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para criar a cultura de ler, é necessário entender a leitura como um processo de comunicação que está além da decifração de um código. Ler significa desenvolver potencialidades intelectuais que possibilitam ao leitor a apreensão do conteúdo lido, relacioná-lo com os conhecimentos anteriores, posicionar-se criticamente frente a esse conteúdo e usufruí-lo em outras circunstâncias. Ter essa capacidade de dar sentido ao texto e associá-lo ao contexto propicia ao homem um posicionamento crítico frente à sociedade e pode servir de instrumento de mudança social.

Os textos literários são os que mais colaboram na descoberta de sentidos. Ao possuir uma dimensão estética, de variados significados e de intenso dinamismo, o texto literário incita a participação atuante do leitor. É, portanto, um meio de reflexão, e recriação do real. A literatura libera o sujeito das constrições do mundo real e propicia vivências fora de seu cotidiano, não de forma alienante, mas de emancipação por ampliar seus limites existenciais. Diferentemente os textos não literários carecem da informação mais objetiva para retratar a realidade e, assim, sua significação é mais restrita. A fruição da obra literária deve ser oportunizada a todo o ser humano como um direito. O texto literário, por seu conteúdo e o efeito que produz sobre o leitor, torna-se importante componente de conservação ou alteração da ordem social. No entanto, às vezes, a leitura da obra literária pode parecer difícil demais para quem ainda é um iniciante e, sobretudo, para aquele que não teve desde cedo o contato com a literatura; assim, torna-se indispensável a mediação .

A leitura, sendo um fenômeno cultural, portanto, necessita ser apreendida. Tradicionalmente, é a escola o lugar que nos capacita a dar sentido aos textos escritos, dentre eles os literários. No entanto, os dados apresentados sobre a leitura no Brasil demonstram que a capacidade leitora de grande parte da população brasileira está muito aquém do esperado. Os motivos para tal descompasso passam também pela falta de políticas públicas de promoção à leitura com fins mais práticos e duradouros. Por conseguinte, a Oficina de Literatura e Biblioteca, realizada no

espaço de práticas de leitura do CLIC, no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima da PUCRS, vem contribuir, em certa medida, para melhorar essa realidade.

Nessa ação, observamos que o papel do mediador foi o de permitir que a criança dê sentido ao livro, à leitura. Ter apenas presente um acervo de livros não desperta, em si, o interesse e o gosto pela leitura. Essa mediação torna-se mais essencial ao se tratar de indivíduos sem uma herança cultural, pois esses necessitam se sentir seguros e estimulados para usufruir de um bem cultural como é o texto literário. Assim sendo, para que o mediador exerça essa função, ter certas qualidades se faz necessário, mas, sobretudo, é imprescindível uma formação qualificada.

A experiência mostrou que o contato permanente das crianças, ao longo do ano, com o capital cultural oferecido pela Oficina de Literatura e Biblioteca, por meio de atividades variadas e sem caráter pedagógico, usando múltiplas linguagens, selecionando obras de qualidade literária de acordo com a expectativa da criança, certamente ampliou sua competência de leitura.

Constatamos que a ligação do texto à voz, por meio da leitura oral das obras pelos mediadores, pôde revelar às crianças o aspecto lúdico e ficcional próprio do texto literário, como também proporcionar a aproximação da literatura as suas experiências socioculturais

Do mesmo modo, constatamos que a apreensão do texto literário de modo oral incentivou as crianças à prática da leitura silenciosa. Significa dizer que as crianças se sentiram, a partir de então, independentes em suas escolhas de leitura reservada e dispostas à fruição do texto escolhido. E, provavelmente, no momento individual com o texto literário, as crianças iniciaram a constituição de sua identidade enquanto leitoras.

Igualmente, verificamos que houve algumas competências leitoras adquiridas pelas crianças no decorrer das práticas de leitura. Pareceu-nos significativa a noção de intertextualidade explicitada por algumas. Essa capacidade de realizar as associações de um texto com outros textos lidos denota que as dinâmicas propostas possibilitaram a prática intelectual da leitura.

Também acreditamos que foi relevante a Oficina ter propiciado às crianças o momento de socialização da leitura. A conversa sobre o texto lido permitiu às crianças a abertura de sua interpretação para a interpretação coletiva. Levou também o grupo a dar um sentido geral ou particular ao texto lido. As crianças puderam saber que a leitura de um texto literário pode significar um diálogo que se atém a um tema e, sobretudo, que a leitura é uma relação com o mundo.

Do mesmo modo, foi possível averiguar que o mediador tem limites em sua atuação. O meio no qual se exerce a mediação pode ser determinante para a entrada dos sujeitos na cultura da leitura. Um contexto de violência e precário em infraestrutura, por exemplo, pode criar obstáculos para uma criança tornar-se leitora. Tais circunstâncias extrapolam a função do mediador. O fato leva-nos a refletir sobre a importância da presença de um mediador pertencente ao meio onde acontece a ação. Ele tem uma situação privilegiada para aproximar-se da população, pois conhece suas histórias de vida e, ao mesmo tempo, aquela é a sua história também. Portanto, importa cada vez mais a formação desse mediador.

A observação mostrou que um espaço de leitura acolhedor, voltado para criança, de total liberdade de circulação, pode propiciar ao leitor iniciante um bem estar para melhor exercer sua prática leitora. O estudo mostrou que a ação de formação do leitor literário investigada pode, por suas dinâmicas diversificadas, pelos mediadores qualificados e pelos recursos e espaços adequados, criar condições para a entrada das crianças na cultura letrada. No entanto, ações de promoção à leitura realizadas por iniciativas fora do âmbito governamental não têm o caráter de substituir as obrigações do poder público em propiciar às crianças ensino de qualidade e acesso à cultura, mas sim, têm o propósito de somar-se a elas, com intuito de aprimorar a leitura.

Chegamos, portanto, ao final de nossa pesquisa, em que foi possível dar respostas às nossas indagações iniciais e considerar que a Oficina de Literatura e Biblioteca foi para as crianças da Vila Fátima um CLIC para o mundo mágico da leitura.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura- a formação do leitor:** alternativas metodológicas. 2ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Era uma vez... na escola.** Belo Horizonte: Formato, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Conceito de leitura. In: **Pedagogia cidadã:** cadernos de formação: Língua Portuguesa. V.1. São Paulo: UNESP, 2004

AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). **Poemas de um tempo difícil** Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Biblioteca verde. In. **Poesia completa** – Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BESNARD, Pierre. **Animateur socioculturel:** une profession différente? Paris: Les Éditions ESF, 1986.

BORGES, Jorge Luís. A biblioteca de babel. In. \_\_\_\_\_, **Ficções.** Tradução de: Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Tradução de: Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRECHT, Bertolt. **Vida de Galileu**. Tradução de Roberto Schwarz. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Tradução de: Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

BUTLEN, Max. A leitura na escola e na biblioteca multimídia entre o poder e o desejo. In: Becker, Paulo; Rösing, Tânia (Org.). **Leitura e animação cultural**. 2.ed. Passo Fundo: UPF, 2005.

BUTLEN, Max. Entrevista: os desafios na formação de leitores polivalentes. **Letra A:** o jornal do alfabetizador CEALE/UFMG. Belo Horizonte, ano 4,n.15, p.12, ago./set. 2008. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/publicacoes>. Acesso em 18 nov 2008.

BUTLEN, Max. **Les politiques de lecture et leurs acteurs1980-2000**.Paris: Institut National de Recherche Pédagogique, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8.ed. São Paulo: Querosz, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CENTRO DE EXTENSÃO UNIVERISITÁRIA VILA FÁTIMA. **Uma realidade revisitada:** II diagnóstico de comunidade e avaliação do Campus Aproximado Vila Fátima. Porto Alegre: 1998.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe e BUBY, Georges (Dir). **História da vida privada**. Tradução de: V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CHARTIER, Roger. Comunidade de leitores. In: \_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução de: Mary Del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. Tradução de: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

Conselho Federal de Biblioteconomia: **Manifesto em defesa da biblioteca escolar**. Disponível em: <http://WWW.blogdogaleno.com.br/uol>. Acesso em: 4 set. 2009.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: CRUZ NETO, Otávio & GOMES, Romeu & MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ESCARPIT, Robert. **Hacia una sociologia del hecho literario**. Madrid: Edicusa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: CRUZ NETO, Otávio & GOMES, Romeu & MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

INEP. **Programa internacional de avaliação de alunos**. Disponível em: <http://WWW.inep.gov.br/internacional/pisa> . Acesso em 15 jul.2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**. Censo 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 12 set. 2008.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**. Tradução de: Patrícia Chittoni Ramos Reullard e Didier Martins. Porto Alegre: Artmed, 2004.



LOUICHON, Brigitte. La Mémoire lettrée, IN. DUBOISA-MARCOINn, Danielle e TAUVERON, Catherine (dir.), **Français, langue et littérature, socle commun: Quelle culture pour les élèves? Quelle professionnalité pour les enseignants?** Lyon: INRP, 2008.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa. In: CRUZ NETO, Otávio & GOMES, Romeu & MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994,

ODDONE, Nanci; ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia. **Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca**. Ci. Inf., Brasília, v.35, n.3, p. 183-193, set/dez.2006. Disponível em: [http://www.oei.es/fomentolectura/politicas\\_publicas\\_livro\\_leitura\\_biblioteca.pdf..](http://www.oei.es/fomentolectura/politicas_publicas_livro_leitura_biblioteca.pdf..) Acesso em 20 nov. 2008.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In.: MARTINS, Aracy; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. 1ª reimp. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2008.

PETIT, Michèle. **Nuevos Acercamientos a los jóvenes y la lectura**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA. **Mapa das ações**. Disponível em: <http://www.pnll.gov.br>. Acesso em 12 set. 2008.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Mapa da inclusão e exclusão de Porto Alegre/2004**. Disponível em: <HTTP://www2.portoalegre.rs.gov.br>. Acesso em 12 set. 2008.

RIDDER, Guido de. Médiateurs du livre: animateurs ou missionnaires? In.: SEIBEL:Bernardette (Dir.). **Lire, faire lire**: des usages d l'écrit aux politiques de lecture. Paris: Le Monde, 1995.

RETTENMAIER, Miguel; RÖSING, Tânia; BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. O maravilhoso mundo da leitura. In.: CANELLES, Lurdes; RÖSING, Tânia. **Jornadas de Passo Fundo**: 25 anos. I v. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

UNESCO. **Declaração universal da UNESCO sobre diversidade cultural**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160m.pdf>. Acesso em 10 de jun. 2009.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZANCANI, Cristine Lima. **Um CLIC para perpetuar a felicidade**: reflexões sobre mediação de leitura. Porto Alegre: PUCRS, 2008. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In:\_\_\_\_\_ (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

## **APÊNDICE – Modelo de entrevista**

### **ENTREVISTA**

1. Você já conhecia o CLIC?
2. Por que você vem ao CLIC?
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê?
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê?
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC?
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê?
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC , que nome daria?
8. Quem você convidaria para o CLIC?

## **ANEXOS**

## **ANEXO A – Modelo de registro diário**

**PUCRS/FALE/PPGL/CLIC**

### **REGISTRO DIÁRIO**

OFICINA:

DATA:

No. DE PARTICIPANTES:

OBJETIVOS:

ESTÍMULO:

RODA DE LEITURA:

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:

ATIVIDADE CRIATIVA:

DESFECHO LÚDICO:

RECURSOS:

REAÇÃO DAS CRIANÇAS:

IMPRESSÃO PESSOAL:

RESPONSÁVEL (EIS):

## ANEXO B – Registros diários – alguns exemplos

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

### REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 03/04/2008

No. DE PARTICIPANTES: 8

#### OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre;
- Conhecer as preferências de leitura das crianças;
- Investigar as expectativas das crianças em relação a oficina.

ESTÍMULO: Leitura do poema: **Livros**, de Adelaide Love, pelo mediador.

RODA DE LEITURA: Livros que as crianças leram, leitura silenciosa:

- **O feitiço do sapo;**
- **Heroísmo de D. Quixote;**
- **O menino maluquinho;**
- **Rapunzel;**
- **O domador de monstros;**
- **Aventura alucinante;**
- **As flores da primavera;**
- **Disque fantasma;**
- **Meg, a gatinha;**
- **Feitiço cruzado;**
- **Este mundo é uma bola;**
- **Lição de Geografia;**
- **A centopéia que pensava.**

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA: Os mediadores ouviram as sugestões dadas pelas crianças para a oficina. O que elas esperavam deste momento. As sugestões das crianças para a Oficina de Literatura e Biblioteca foram: uso computador, assistir DVD, desenhar, e escrever o que mais gostou da leitura.

**ATIVIDADE CRIATIVA:** Confeção de um livro de dobraduras, nos quais as crianças tiveram que desenhar as histórias que conheciam ou as que mais gostavam de ouvir.

**DESFECHO LÚDICO:** Apresentação do livro sanfona confeccionado para o grupo, que se chamou: Minhas Histórias Preferidas.

**RECURSOS:** Folha de ofício, tesoura, lápis de escrever, lápis de cor.

**REAÇÃO DAS CRIANÇAS:** Elas demonstraram muito interesse em realizar a atividade de dobradura, bem como apresentar o seu livro, todos realizaram a atividade. Durante a leitura silenciosa foi preciso chamar a atenção para o silêncio, mas foi tudo tranquilo, pois eles estavam adorando conhecer o acervo.

**IMPRESSÃO PESSOAL:** A Oficina de Literatura e Biblioteca pode ser desenvolvida de algumas maneiras, como por exemplo, praticar somente a leitura silenciosa. Nossa opção foi a de sensibilizar as crianças para prática da biblioteca de forma a conhecer em cada encontro um autor presente no acervo, também, saber como é feita a catalogação de cada livro e como procurá-lo nas estantes. Neste primeiro dia decidimos conhecer as preferências de leitura das crianças através de atividade lúdica. Acreditamos que as crianças gostaram de fazer a dobradura e, principalmente, da apresentação do seu trabalho. Observamos a confusão delas entre as personagens da literatura e as personagens de seriados da TV e do cinema. As preferências relatadas foram: **Menino Maluquinho; Cebolinha; Homem Aranha; Um coração partido; Uma fada muito linda; O patinho feio; O massacre da serra elétrica; A bruxa Miuza vai à França; O Rabicó; O sabugo de milho (Visconde de Sabugosa); Esmilinguido; Saci e a Cuca.** Após a atividade lúdica, iniciamos a leitura silenciosa possibilitando às crianças a livre escolha da obra.. Percebemos que a Kérica, o Bruno, o Dionatan e o Darlei leram com interesse os livros. Como o Felipe, o Josué e o Dérik, não sabem ler ficavam retirando vários livros e conversando bastante, até que mostramos a eles os livros de imagens e eles se acalmaram. O Davi estava muito disperso, mas o ajudamos na escolha de um livro e também participou da leitura silenciosa. Quando pedimos as sugestões, todos queriam falar, foi muito produtivo ouvi-los.

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 10/04/2008

No. DE PARTICIPANTES: 10

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Elias José;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre;
- Estimular a escrita, em relação ao livro escolhido na leitura silenciosa.

ESTÍMULO: Leitura do poema: **Caixa mágica de surpresa**, de Elias José. Mostrar os livros do autor. Conversa sobre a vida do autor.

RODA DE LEITURA: livros que as crianças leram, leitura silenciosa:

- **A descoberta de Roberta;**
- **O palhaço;**
- **Coleção FLIPTUM** (mini-livros animados);
- **O menino maluquinho;**
- **Este mundo é uma bola;**
- **História sorridente de unhas e dentes;**
- **Lição de Geografia;**
- **Feitiço cruzado;**
- **Uma história do outro mundo;**
- **Meg, a gatinha.**

ATIVIDADE CRIATIVA: Produção textual sobre o que mais chamou a atenção ou o que mais gostou no livro que leu, durante a leitura silenciosa.

RECURSOS: Folha de ofício, lápis de escrever, régua.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Elas estão gostando do momento da leitura silenciosa, no qual podem ir a estante e escolher o que tem interesse em ler. No momento da produção textual, precisou ser explicado que não era uma cópia do texto e sim escrever o que mais gostaram na leitura, apenas o Wesley não quis fazer, mesmo quem não sabia ler, como o Derik, o Josué e o Felipe fizeram um desenho da parte que mais gostaram, desta forma, participando da proposta.



**IMPRESSÃO PESSOAL:** Neste encontro houve maior concentração para ouvir a poesia lida pela mediadora, alguns fecharam os olhos para melhor sentir a poesia. As explicações sobre localização dos livros e classificação em gêneros foram bem compreendidas, não havendo maiores dificuldades. A leitura silenciosa foi mais concentrada e para a produção textual não houve resistência. Chama atenção na escrita das crianças o uso da palavra “ilustração”.

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e biblioteca

DATA: 17/04/2008

No. DE PARTICIPANTES: 7

## OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Monteiro Lobato;
- Conhecer os personagens do **Sítio do Picapau Amarelo**, através da música;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: Leitura do texto: **Meu amigo mais antigo** (Ziraldo), no qual o Ziraldo apresenta o Monteiro Lobato como seu amigo, pois estava maravilhado com a leitura dos livros deste autor. As crianças ouviram o cd do Sítio do Picapau Amarelo em que as personagens são descritos, através das músicas.

RODA DE LEITURA: livros que as crianças leram, leitura silenciosa:

- **Reinações de Narizinho** (Monteiro Lobato)
- **Os doze trabalhos de Hércules** (Monteiro Lobato)
- **A primeira palavra**
- **O sonho virado** (Lílian Zieger)
- **A roda – Descobertas e invenções** (Giovana Manlegasso)
- **A eletricidade – Descobertas e invenções** (Giovana Manlegasso)
- **Viagem criada, emoção dobrada** (Elias José)
- **Jogo do pensamento** (Vivina de Assis Viana)
- **Boi da Cara Preta** (Sérgio Capparelli)
- **O palhaço** (Quentin Blake)
- **Perde e ganha** (Angela Leite de Souza)
- **Páginas Mágicas** (Viviane Gil)
- **O que fazer?** Falando de convivência (Liliana Iacocca)
- **Memórias Inventadas** (Manoel de Barros)
- **Zé Pedro comeu pimenta pensando que não ardia**
- **Este mundo é uma bola** (Ziraldo)
- **Lição de geografia** ((Ziraldo)
- **O planeta lilás** (Ziraldo)
- **As flores da primavera** (Ziraldo)
- **Diga-me com quem come** (Ziraldo)
- **Quando mamãe virou um monstro** (Joanna Harrison)
- **Poesia fora da estante** (Vera Teixeira de Aguiar, Org.)
- **O menino que queria ser celular**
- **Coleção Folhear de trás para frente**
- **A primeira palavra**

ATIVIDADE CRIATIVA: Identificar as personagens do **Sítio Picapau Amarelo** ouvindo o CD da trilha sonora do programa da TV.

RECURSOS: cd de músicas.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Elas gostaram muito de escutar as músicas sobre as personagens do **Sítio do Picapau Amarelo**, a maioria conhecia as personagens mais pelo programa da TV do que pela leitura dos livros de Lobato. Conversamos bastante sobre as características de cada personagem do **Sítio do Pica-Pau Amarelo**. Estiveram atentas ao ouvir o CD e responderam às questões propostas. Compreenderam a relação do Dia Nacional do Livro, comemorado na data de nascimento de Monteiro Lobato. Divertiram-se em realizar a atividade. Na leitura silenciosa houve procura dos livros de Lobato. O Andrei e o Tiago não conseguiram se concentrar muito na leitura silenciosa. Mas o Dionatan, o Bruno, o Davi, o Gustavo e o Darlei estão muito envolvidos com o ato de ler e mostram muito interesse em terminar a leitura do livro que tiraram.

IMPRESSÃO PESSOAL: Estamos gostando de perceber que as crianças estão permanecendo na oficina, por exemplo, o Bruno, o Dionatan, o Darlei e o Davi vieram em todas até agora, mostrando, desta forma, que estão gostando e estão interessados na leitura. Como eles gostaram de ouvir as músicas sobre os personagens, se envolveram bastante nesta atividade, querendo saber onde estavam os livros destes personagens.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e biblioteca

DATA: 24/04/2008

No. DE PARTICIPANTES: 11

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Pedro Bandeira;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre;
- Selecionar os livros para a **Mala da Leitura**.

ESTÍMULO: Leitura de poemas do livro: **Por enquanto eu sou pequeno** (Pedro Bandeira).  
As crianças procuraram na estante os livros do autor.

RODA DE LEITURA: livros que as crianças leram, leitura silenciosa:

- **A casa sonolenta**
- **Harry Potter e a Câmara Secreta**
- **Caninos Brancos**
- **Harry Potter e o Cálice de Fogo**
- **A escola da vida**
- **A árvore generosa**
- **O negrinho do pastoreio**
- **Por enquanto eu sou pequeno**
- **Rabo Peludo, Gato Pelado**
- **Egito Antigo**
- **As flores da Primavera**
- **Sem cabeça nem pé**
- **Diga-me com quem come**
- **Mini-livros animados FLIPTUM**
- **A festa dos espantalhos**
- **Heroísmo de D Quixote**

As crianças gostaram muito do livro **Por enquanto eu sou pequeno**, de Pedro Bandeira, pediram a leitura de novas poesias pela mediadora demonstraram interesse em lê-lo durante a leitura silenciosa. Andrei não conseguiu se concentrar na leitura, pois os outros estavam bastante envolvidos. As crianças tiveram menos tempo nesta oficina, pois precisávamos organizar a Mala da Leitura com a Tia Beti. Foram escolhidos 20 livros para que a comunidade possa fazer a leitura deles durante o período de um mês.

**IMPRESSÃO PESSOAL:** Acreditamos que a cada oficina, as crianças entendem mais a importância da leitura silenciosa para que possam entender o texto; apenas o Andrei não está conseguindo se concentrar e algumas vezes dispersa os colegas. Mas estamos insistindo para que ele leia, ajudando-o na escolha dos livros. Ao procurarem os livros para leitura silenciosa, algumas crianças chamaram a atenção para identificação da etiqueta errada: eram de poesia e não narrativa. Nota-se a compreensão do gênero do livro e sua classificação usada na biblioteca do CLIC (fitas coloridas). Nas conversas do “que seria mais importante para sua vida”, a atividade não foi bem compreendida em parte pela indisciplina de certas crianças, mas talvez pela complexidade da pergunta. As respostas ficaram na escolha profissional: policial, bandido, escritor, bombeiro, professor, diretora de escola, motorista de caminhão, militar.

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 08/05/2008

No. DE PARTICIPANTES: 6

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Sylvia Orthof;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: Conversa sobre as mães. Leitura do livro: **Se as coisas fossem mães**, de Sylvia Orthof.

RODA DE LEITURA: Procura dos livros da autora no acervo. Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **O monstro do purê;**
- **Mini-livros animados – FLIPTUM;**
- **Chamuscou, não queimou** (Sylvia Orthof);
- **História do pingüim;**
- **O menino de Olho-d'Água** (José Paulo Paes);
- **Confusão no jardim** (Ferruccio V. Filho);
- **Pezinho Pezão;**
- **Ora fada, ora bruxa** (Sylvia Orthof)
- **Poesia fora da estante;**
- **Meg, a gatinha;**
- **O palhaço;**
- **A joaninha que perdeu as pintinhas;**
- **Chapeuzinho Amarelo** (Chico Buarque);
- **A casa sonolenta;**
- **O negrinho do pastoreio** (Carlos Urbim);
- **Este mundo é uma bola** (Ziraldo);
- **Galo, galo, não me calo** (Sylvia Orthof);
- **Dois dezenas de trava-línguas** (Marciano Vasques);
- **No fundo do fundo-fundo lá vai o tatu Raimundo** (Sylvia Orthof).

ATIVIDADE CRIATIVA: relacionaram outros objetos (mãe-filho) como o texto apresentava.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: As crianças falaram o que gostavam de fazer com as suas mães, algumas tiveram que pensar bastante para responder. Após foi contada a história e as crianças

gostaram muito e, depois, começaram a relacionar, como o texto apresentava, outros objetos, por exemplo, “a estante é mãe dos livros”, “a árvore é mãe das frutas”. Teve uma criança que disse que o armário era mãe das coisas que tem dentro dele, aí a mediadora perguntou: “O armário?” E eles disseram: “Ah, não, o armário é pai.”. No final, pediram para escrever sobre as mães.

**IMPRESSÃO PESSOAL:** Foram seis crianças, mas eles fizeram muita leitura silenciosa, estavam bem empolgados, acreditamos que tenha sido a leitura do livro, pois eles gostaram muito da história e depois continuaram lendo os livros da autora. Gostaram da brincadeira de relacionar mãe com o filho (objetos).

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 15/05/2008

No. DE PARTICIPANTES: 9

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Sérgio Caparelli;
- Estimular a leitura oral;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: leitura de poesias de Sérgio Capparelli, pela mediadora.

RODA DE LEITURA: leitura silenciosa de um poema do autor.

Procurar os livros do autor no acervo. Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Restos de arco-íris** (Sérgio Capparelli)
- **Boi da cara preta** (Sérgio Capparelli)
- **Um elefante no nariz** (Sérgio Capparelli)
- **A jibóia Gabriela** (Sérgio Capparelli)
- **FLIPTUM**
- **Chapeuzinho Vermelho** (Charles Perrault)
- **Dodó** (Ziraldo)
- **Ula** (Sérgio A. Sardi)
- **Meg – a gatinha**
- **A centopéia que pensava** (Herbert de Souza)
- **Romeu e Julieta** (Ruth Rocha)
- **Este mundo é uma bola** (Ziraldo)
- **A arca de Noé** (Vinícius de Moraes)
- **Quando mamãe virou um monstro**
- **Bárbara e seus óculos encantados**
- **Pro Cricaré eu vou!**
- **A verdadeira história dos três porquinhos** (Jon Scieszka).

ATIVIDADE CRIATIVA: leitura oral pelas crianças de um poema do escritor Sérgio Capparelli.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: As crianças inicialmente sentiram vergonha de fazer a leitura para os colegas, justamente por nem todos estarem fluentes na leitura, mas depois gostaram da experiência. Elas gostaram muito dos poemas do autor, acharam engraçados. Continuaram lendo os poemas do autor na leitura silenciosa.



**IMPRESSÃO PESSOAL:** A cada vez as crianças envolvem-se mais com a apresentação dos autores. Encontram os autores na estante e identificam o gênero literário de acordo com a classificação da biblioteca do CLIC (fitas coloridas nos livros e estantes). A preferência por realizar a leitura silenciosa é crescente.

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 29/05/2008

No. DE PARTICIPANTES: 6

### OBJETIVOS:

- Preparar as crianças para o Encontro Cultural com o autor Giordano Gil;
- Incentivar à leitura da obra de Giordano Gil;
- Produzir um texto;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: procurar os livros do autor no acervo e conhecer um pouco sobre a história pessoal de Giordano Gil.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Quebrando o código verde** (Giordano Gil)
- **O resgate do aquário redondo** (Giordano Gil)
- **Querem derrubar nossa árvore**
- **Duas dezenas de trava-línguas**
- **Confusão no jardim**
- **33 ciberpoemas e uma fábula virtual**
- **O Barba Azul**
- **Mmmmmmonstros!**
- **A joaninha que perdeu as pintinhas**
- **Lição de Geografia**
- **A cor da vida**

ATIVIDADE CRIATIVA: produção textual sobre o livro que mais gostou de ler no dia.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: As crianças gostaram de ouvir a história pessoal do autor [Giordano Gil], demonstrando atenção e interesse.

IMPRESSÃO PESSOAL: Percebe-se as dificuldades na leitura e na escrita, eles não se sentem motivados a escrever sobre a história, preferem desenhar. Precisam de muito incentivo para participar de atividades de escrita. Tinha um menino muito agitado que dispersou muito o grupo, pois não conseguia se concentrar na leitura.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 05/06/2008

No. DE PARTICIPANTES: 9

OBJETIVOS:

- Participar do Encontro Cultural **Literatura e Cinema** com o autor Giordano Gil.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: eles gostaram muito da exposição do autor, que trouxe vários filmes, apresentando aos alunos a importância da música nos filmes, bem como mostrou a eles os diversos gêneros de filmes. As crianças se envolveram muito e questionaram bastante o autor, que ao final falou um pouco de seus livros.

IMPRESSÃO PESSOAL: As crianças presentes envolveram-se ativamente na proposta do autor. No entanto, apenas duas crianças das nove que participaram da sensibilização para o Encontro Cultural, compareceram à atividade. As outras já haviam participado da oficina de Viviane Gil, mãe do autor e ex-mediadora do CLIC, presente no dia. Refletimos sobre o motivo da escassa presença das crianças sensibilizadas anteriormente: terá sido suficiente a atividade proposta na sensibilização para motivá-las?

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 19/06/2008

No. DE PARTICIPANTES: 10

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Ruth Rocha;
- Conhecer o site da autora;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: história **Marcelo, marmelo, martelo**, de Ruth Rocha, contada pela mediadora. Procuraram no acervo as outras obras da escritora.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Manual dos namorados** (Flávia Muniz);
- **Marcelo, marmelo, martelo** (Ruth Rocha);
- **Romeu e Julieta** (Ruth Rocha);
- **Bruxinha cacau** (Diléa Pires);
- **O palhaço** (Quetin Blake);
- **Coleção FLIPTUM**;
- **Dodó** (Ziraldo);
- **Observações sobre a vida em outros planetas** (Ricardo Silvestrin);
- **O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras** (Ruth Rocha);
- **O príncipe sem sonhos**;
- **O pato atolado**;
- **Lendas de nossa terra**;
- **O menino maluquinho** (Ziraldo).
- 

ATIVIDADE CRIATIVA: acessaram o site da escritora Ruth Rocha para conhecer as outras obras dela, bem como realizar as atividades lúdicas sobre as obras propostas no site.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Gostaram muito de conhecer as outras obras da autora, mas principalmente de mexer no computador, que era algo que eles pediam há muito tempo. Mesmo assim, algumas crianças pediram para fazer a leitura silenciosa, o que demonstra que estão gostando muito desse momento.

IMPRESSÃO PESSOAL: Percebeu-se que as crianças se envolveram bastante na atividade do computador, mas gostaram muito da narrativa lida, tanto que estavam revezando a leitura do livro.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC  
REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 26/06/2008

No. DE PARTICIPANTES: 7

OBJETIVOS:

- Preparar as crianças para o Encontro Cultural com a autora Paula Mastroberti;
- Incentivar à leitura da obra de Paula Mastroberti;
- Desenhar sobre a obra **Cinderela**: uma biografia autorizada;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: procurar os livros da autora no acervo e conhecer um pouco sobre a história pessoal de Paula Mastroberti. Foi conversado com as crianças sobre a obra: **Cinderela**: uma biografia autorizada.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Cadê a coruja** (Marco Cena e Sissa Jacoby);
- **A jibóia Gabriela** (Sérgio Capparelli);
- **Qual a palavra?** (Roseana Murray);
- **História do Pinguim**;
- **Coelho Safado** (Marco Cena e Sissa Jacoby);
- **Poeminhas fenomenais** (Alexandre Azevedo);
- **33 ciberpoemas e uma fábula virtual** (Sérgio Capparelli).

ATIVIDADE CRIATIVA: como a escritora foi quem também ilustrou seus livros. As crianças fizeram uma homenagem a ela, desenharam uma Cinderela moderna para apresentar a ela no Encontro Cultural.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: além do desenho da Cinderela, as crianças quiseram desenhar o príncipe, estavam bem envolvidos com essa atividade.

IMPRESSÃO PESSOAL: Acreditamos que as crianças estão bem motivadas a participarem do Encontro Cultural com a autora. Percebemos como as crianças gostam de se expressar em forma de desenho. Envolveram-se muito na atividade e realmente fizeram com muito capricho os seus desenhos .

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 03/07/2008

No. DE PARTICIPANTES: 1

OBJETIVOS:

- Participar do Encontro Cultural **Uma princesa e uma ervilha?** com a autora Paula Mastroberti.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: A menina que participou gostou muito, pois a escritora contou a história tradicional e depois contou a história de seu livro que era um conto de fadas moderno. Após a contação de história fez um desenho sobre a história e entregou a escritora. Mais contente ficou quando recebeu um livro autografado da escritora.

IMPRESSÃO PESSOAL: Percebemos o envolvimento da menina no momento da contação de história e a felicidade quando ganhou o livro. Mesmo sendo apenas uma criança ela participou bastante colocando as suas idéias e questionando. Ela entregou para a escritora os trabalhos feitos na oficina anterior.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 24/07/2008

No. DE PARTICIPANTES: 10

### OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura
- Incentivar à leitura silenciosa de forma livre
- Conhecer o acervo
- Conhecer as preferências literárias das crianças.

ESTÍMULO: Leitura pela mediadora história **O segredo da lagartixa** de Leticia Dansa e Salmo Dansa,. Após as crianças dão hipóteses do que pode ser o segredo da lagartixa.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa.

- **Coleção FLIPTUM**
- **Lição de Geografia**
- **A criança mais importante do mundo**
- **A joaninha que perdeu as pintinhas**
- **Pezinho – pezão**
- **O pato atolado**
- **Reginaldo, o rei da floresta**
- **Reginaldo, Tiranossauro**
- **A verdadeira história dos três porquinhos**
- **Meus macaquinhos**
- **Meias e Botinas**
- **Bebê Tricerátope**
- **Dodó (Ziraldo)**
- **Salada, saladinha**
- **Meg, a gatinha;**
- **Mmmmonstros (Ricardo Silvestrin)**
- **Enrosca ou desenrosca?**
- **O leão de botas**
- **A casa sonolente**
- **Festa no céu**
- **O negrinho do pastoreio (Carlos Urbim)**

ATIVIDADE CRIATIVA: Buscar no acervo as obras de sua preferência e apresentação aos colegas.

**REAÇÃO DAS CRIANÇAS:** Participaram ativamente dando suas opiniões. Apresentaram e leram os livros de suas preferências Trocaram entre si os livros e, assim, faziam a propaganda do mesmo. A leitura foi feita espontaneamente em duplas ou trios. Não houve leitura silenciosa. As preferências foram as seguintes:

Luana – **A verdadeira história dos 3 porquinhos e A bruxa Salomé;** Edna – **A joaninha que perdeu as pintinhas;** Katiussa – **A casa sonolenta;** Larissa – **Meus macaquinhos;** Andreolle- não definiu uma obra ,mas gosta da “figura” (imagem);

Thomaz - **O pato atolado;** Kelvin - **Salada, saladinha;** Felipe - **Reginaldo, o rei da floresta e Reginaldo, Tiranossauro**

**IMPRESSÃO PESSOAL:** Sendo período de férias algumas crianças freqüentadoras do turno da manhã participaram da oficina, causando certa dispersão. No entanto, não impediu que fizessem a leitura em conjunto. Estão muito envolvidas com a leitura notando crescente concentração.

**RESPONSÁVEL(EIS):** Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço



PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 06/08/2008

No. DE PARTICIPANTES: 5

OBJETIVOS: Incentivar à leitura da obra de Cecília Meireles; conhecer o acervo; propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: Leitura pela mediadora dos poemas “A língua do nhem” e “Uma palmada bem dada”, do livro **Ou isto ou aquilo** de Cecília Meireles.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa.

- **Ou isto ou aquilo;**
- **A jibóia Gabriela;**
- **Chapeuzinho Vermelho** (Charles Perrault)
- **Ula**
- **Dodô**

ATIVIDADE CRIATIVA: As crianças decidiram desenhar e criar poesias.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: As crianças se divertiram muito com a brincadeira com a língua do “nhem” estimulada pela mediadora. Pediram para ouvir mais poesias do livro da Cecília.

IMPRESSÃO PESSOAL: Ouvir a leitura da poesia propiciou um prazer visível no olhos das crianças. Atentas e curiosas pela poesia apresentada. No momento da atividade criativa e observamos dificuldade do Thomaz em se concentrar e demonstrando certa agressividade com seu amigo e colega Kelvin, reagindo implicando. A mediadora os separou e chamou atenção. Ao iniciar a leitura silenciosa tudo se tranqüilizou.

RESPONSÁVEL Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 14/08/2008 Manhã

No. DE PARTICIPANTES: 3

OBJETIVOS:

- Preparar as crianças para o Encontro Cultural com o autor Celso Sisto;
- Incentivar à leitura da obra de Celso Sisto;
- Produzir um texto;
- Conhecer o acervo;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: pedir as crianças que escolham um dos contos do livro **Cruz-credo!**, de Celso Sisto para ser lido pela mediadora. Após, procurar no acervo obras do autor em questão.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Cruz-credo! (Celso Sisto);**
- **Beijo de Sol (Celso Sisto);**
- **Meg, a gatinha;**
- **UUUUUUU: um barulho estranho;**
- **SSSSSSSSS: um barulho da mata;**
- **Salada, saladinha;**
- **A casa sonolenta;**
- **Enrosca ou desenrosca?**

ATIVIDADE CRIATIVA: as crianças escolheram a leitura do conto, *A noiva do diabo*, após fizeram uma produção textual sobre o que mais chamou atenção na história ouvida.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: gostaram de ouvir o conto e depois quiseram ler os outros contos que o livro apresenta. A Luana leu o livro **Beijo de sol**, outra obra do autor trabalhado e percebeu ao final do livro que o autor terminava com a expressão **Ou isto ou aquilo**, remetendo-a à obra de Cecília Meireles, que havíamos trabalhado na semana anterior. A Katiussa adorou o livro o **Beijo de sol**. Eles quiseram fazer um desenho depois de escreverem sobre o texto para ser entregue ao autor. Apenas o Gustavo não participou da produção textual, pois ainda não está alfabetizado.

IMPRESSÃO PESSOAL: percebi o envolvimento de todos na realização das atividades.

RESPONSÁVEL: Katiane Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 04/09/2008

No. DE PARTICIPANTES: 2

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura do autor Ricardo Azevedo;
- Incentivar à leitura silenciosa e conhecer o acervo.

ESTÍMULO: A mediadora leu **Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões** de Ricardo Azevedo. Procura da obra do autor na estante.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa.

- **Coleção FLIPTUM**
- **Essa tal de escola como será?**
- **O palhaço**

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:

ATIVIDADE CRIATIVA: Leitura dos livros de imagens e apresentação.

DESFECHO LÚDICO: Leitura e apresentação do livro de imagem escolhido para o grupo.

RECURSOS:

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Divertiram-se com a história contada pela mediadora. Núbia de 6 anos, irmã de Larissa, leu o livro de imagens **O Palhaço** e depois recontou com suas palavras toda a narrativa. Depois, Larissa também leu o livro de imagens **Essa tal de escola como será?** e o recontou com suas palavras.

IMPRESSÃO PESSOAL: Às vezes Larissa precisa trazer a Núbia para as oficinas do CLIC, pois ela quem fica responsável pela irmã menor quando a mãe sai para trabalhar. Notamos muita concentração na leitura e a boa interpretação dos livros de imagem .

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 18/09/2008

No. DE PARTICIPANTES: 2

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura;
- Incentivar à leitura silenciosa.

ESTÍMULO:

RODA DE LEITURA: Foi solicitada às crianças a escolha de um livro para a leitura silenciosa.

Cantigas de ninar o vento

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:

ATIVIDADE CRIATIVA: desenho sobre o livro escolhido

DESFECHO LÚDICO:

RECURSOS: papel, lápis de cor, régua, canetas coloridas, lápis de escrever, borracha, apontador.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Kelvin e Thomas gostaram tanto da atividade da oficina anterior que pediram para ler novamente o livro da Gláucia de Souza e escutar o CD. Depois desenharam baseados nos poemas do livro. Kelvin copiou os poemas para levar para casa.

IMPRESSÃO PESSOAL: A música e a poesia de fato mexeram com as crianças. Estavam calmas e muito concentradas. Acreditamos que o Kelvin encontrou na poesia seu gênero para leitura.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates e Katiane Crescente Lourenço

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 25/09/2008

No. DE PARTICIPANTES: 2

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Eva Furnari;
- Conhecer o acervo;
- Confeccionar uma dobradura referente à história;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: história **Zuza e Arquimedes**, de Eva Furnari, contada pela mediadora. Crianças dão hipóteses do que pode estar dentro do baú que aparece na capa do livro.

RODA DE LEITURA: Procurar no acervo obras da autora. Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Zuza e Arquimedes** (Eva Furnari);
- **De vez em quando** (Eva Furnari);
- **Por um fio** (Eva Furnari);
- **Meus porquinhos**;
- **A lenda do guaraná**;
- **Com quem casa Estela se três moços gostam dela?**

ATIVIDADE CRIATIVA: confeccionaram um baú de dobradura, tiveram que escrever quatro coisas que mais tinham medo para colocar dentro do baú. Era o *Baú dos medos*.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: gostaram da história e participaram contando junto com a mediadora, pois era um livro de imagens. Gostaram do baú e a menina colocou que um dos seus medos era de estuprador, o que me chamou muito a atenção. Já o menino colocou de bruxa, monstro, etc. Depois fizeram leitura silenciosa, o menino pediu para que a irmã fizesse uma leitura para ele.

IMPRESSÃO PESSOAL: percebemos que elas gostaram da história e adoraram fazer a dobradura. O que nos chamou a atenção foi o fato de o menino colocar que seus medos são coisas mais imaginativas do que reais e a menina colocar estuprador e outras coisas bem reais, como o medo de ladrão. Eles estavam bem envolvidos com a leitura silenciosa.

RESPONSÁVEL: Katiane Crescente Lourenço e Ana Elisa Prates

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 2/10/2008

No. DE PARTICIPANTES: 8

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura da obra de Ângela Lago
- Incentivar à leitura silenciosa.

ESTÍMULO: leitura feita pela mediadora do livro **Uni duni tê** de Ângela Lago; busca na estante de outras obras da autora.

RODA DE LEITURA: Foi solicitada às crianças a escolha de um livro para a leitura silenciosa.

- **Fome danada**
- **Meg, a gatinha**
- **O pato atolado**
- **O palhaço**
- **A cara alegre**
- **O negrinho do pastoreio**
- **Diga um verso bem bonito**

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA:

ATIVIDADE CRIATIVA:

DESFECHO LÚDICO:

RECURSOS:

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Participaram da atividade, e boa concentração na leitura silenciosa. Uma vez tivemos que intervir para acalmar o “falatório” e agitação.

IMPRESSÃO PESSOAL: o Kelvin fez a ligação entre a história do livro de Ângela Lago, apresentada pela mediadora, e o livro por ele escolhido **Diga um verso bem bonito**. Ambos tratam das cantigas populares de roda. A Tia Bete não poderá continuar responsável pela Mala de Leitura na comunidade.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates

## PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 09/10/2008 manhã

No. DE PARTICIPANTES: 4

OBJETIVOS:

- Incentivar à leitura;
- Conhecer o acervo;
- Confeccionar uma dobradura de marcador de página;
- Propiciar a leitura silenciosa de forma livre.

ESTÍMULO: história **Tudo por um pacote de amendoim**, de Gládis Maria Ferrão Barcellos, contada pela mediadora, com o recurso do avental e personagens móveis.

RODA DE LEITURA: Leitura silenciosa. Livros que as crianças leram:

- **Coleção FLIPTUM;**
- **Pato atolado;**
- **A verdadeira história dos três porquinhos;**
- **Lição de Geografia (Ziraldo);**
- **Meg, a gatinha;**
- **A casa sonolenta;**
- **Romeu e Julieta (Ruth Rocha);**
- **Galo, galo, não me calo (Sylvia Orthof);**
- **Este mundo é uma bola (Ziraldo);**
- **Diga-me com quem come (Ziraldo);**
- **O menino maluquinho (Ziraldo);**
- **A descoberta de Roberta.**

ATIVIDADE CRIATIVA: as crianças confeccionaram um marcador de páginas.

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Gostaram da história e participaram dela, pois a cada personagem colocado no avental elas davam hipóteses de quem seriam os próximos e ajudaram a recontar a história só com os personagens. Também gostaram do marcador de página e no momento da leitura silenciosa demonstraram bastante interesse pelas obras de Ziraldo.

IMPRESSÃO PESSOAL: percebemos que as crianças se envolveram com a leitura. Participaram da contação de história e estavam bem motivados com a confecção de um marcador de página. Na leitura silenciosa se interessaram pelos livros do Ziraldo e estavam lendo em grupo, só uma menina ficou bem isolada na sua leitura.

RESPONSÁVEL: Ana Elisa Prates Katiane e Crescente Lourenço

PUCRS/FALE/PPGL/CLIC

## REGISTRO DIÁRIO

OFICINA: Literatura e Biblioteca

DATA: 27/11/2008

No. DE PARTICIPANTES: 5

OBJETIVOS: Incentivar à leitura silenciosa; conhecer a exposição virtual “**Livres d’enfants d’hier et aujourd’hui**” do *site* da Biblioteca Nacional da França.

ESTÍMULO: A mediadora conversou sobre biblioteca e introduziu BNF e, explicou da possibilidade pela internet de visitar uma a exposição sobre literatura infantil.

RODA DE LEITURA: Foi solicitada às crianças a escolha de um livro para a leitura silenciosa.

### **Coleção FLIPTUM**

**Manual das boas maneiras das fadas**

**A história de Rampunzel**

**Quem acorda, sonha**

**O livro perigoso para os garotos**

**Meg, a gatinha**

ATIVIDADE CRIATIVA: Visita ao site da Biblioteca Nacional da França (BNF) conhecendo a exposição sobre livros infantis de hoje e de ontem.

RECURSOS: computador

REAÇÃO DAS CRIANÇAS: Após a explicação de como acessar a BNF, a maioria das crianças souberam digitar no Google e entrar na no site. A maioria visitou rapidamente a exposição (cumpriram a tarefa) e foram liberadas para entrar nos sites de jogos eletrônicos infantis. No entanto, um menino (Lucas) visitou cuidadosamente cada sessão da exposição, e, por estar em língua francesa, surgiu alguns questionamentos sobre os temas e títulos das obras expostas no site. A mediadora conhecia a língua francesa pode auxiliar nas respostas dos questionamentos. As outras crianças paravam de jogar ao ouvirem os questionamentos de Lucas. Elas olhavam a tela do computador do Lucas e escutavam a explicação.

IMPRESSÃO PESSOAL: O objetivo foi cumprido. Mesmo com a aparente falta de atenção para a exposição virtual, o mais importante foi ter propiciado a elas o conhecimento de que é possível acessar pela internet espaços culturais.

RESPONSÁVEL(EIS): Ana Elisa Prates



## ANEXO C – Entrevistas

### Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

#### *Entrevista nº1:*

**Nome: Dionatan**

**Idade: 10 anos**

**Série: 3ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Sim.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Foi a tia Bete que diz que tinha aulinha, leitura pra prender e reforço, aí eu vim.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Lê. Por causa que é bom apreender mais.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Desenhar. Por causa eu não sei muito desenhar aí eu tenho que inventar.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Devia ter passeio, né.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Para o Centro, não sei. No Centro de Porto Alegre. Eu acho que as pessoas que não podiam levar, que não podiam ir de ônibus.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Escolinha Fundamental.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus amigos.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 2**

**Nome: Davi**

**Idade: 8 anos**

**Série: 3<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Sim.**
2. Por que você vem ao CLIC? **É legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ler, fazer desenho, mexer no computador e vê DVD e ler histórias. Por causa é legal.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Não fazer muita leitura. Um pouco difícil, eu não gosto muito de ler.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Antena prô DVD e prá TV.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá um postinho mais melhor. Porque é bom.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Escolinha de Brincadeiras.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **As crianças.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 3**

**Nome: Monique**

**Idade: 8 anos**

**Série: 2<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu acho muito interessante.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **De aprender inglês. Porque a gente aprende em outra língua, falar em outra língua.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **De literatura. Porque eu não gosto.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Queria que tivesse brinquedo, assim, pra gente brincar.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Levaria pra minha casa. Porque lá não preciso sair de casa.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Daria CIC, CLIC, CLIC**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Umas amigas.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 4**

**Nome: Darlei**

**Idade: 12 anos**

**Série: 4<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
  
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque meu colega falou que é legal que aprendia, aí eu vim.**
  
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ler. Porque eu gosto de ler, escrever e desenhar.**
  
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Mexer no computador. Porque eu gosto mais de ler e escrever.**
  
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Mais livros e cadernos para escrever.**
  
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá Taquarai onde minha avó mora. Porque lá é legal prá fazer o CLIC.**
  
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Legalzinho.**
  
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus irmãos.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 5**

**Nome: Pablo**

**Idade: 11 anos**

**Série: 4<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Mexer no computador. É divertido.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Não sei. É tudo legal.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Video game?**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Não sei. Perto da minha casa? Aí fica mais perto.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Nome daria...Não sei.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus amigos. Meus parentes.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 6**

**Nome: Bruno**

**Idade: 8 anos**

**Série: 3<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Não.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ler. Porque é bom.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Bagunça. Porque suja muito a sala e depois tem que arrumar tudo.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Brinquedos.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá minha casa, prá todo lugar. Porque sim.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Eu daria “Parque”.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Quem quisesse vim.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 7**

**Nome: Itainara**

**Idade: 13 anos**

**Série: 5<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto de vir.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Desenhar. Mais divertido, não fica preso com as coisas.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Inglês, é muito complicado.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Jogos pra eu brincar.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá minha casa? Porque lá fica perto.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Sase.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Minhas amiga.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 8**

**Nome: Larissa**

**Idade: 9 anos**

**Série: 2ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu acho legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Mexer no computador. Porque faz mais movimento com as mãos.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **De escrever. Porque sim, escrevo muito começa doer minhas mão.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Minha irmã, minha amiga.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá minha vó. Lá na casa de minha avó é grande, tem bastante espaço.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Escolinha.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Minhas amigas, meus irmão, meus primo.**



## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 9**

**Nome: Luana**

**Idade: 11 anos**

**Série: 4ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Sim. Dois anos que venho.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque acho muito legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Teatro e música, leitura e mexer no computador. Por causa que leitura eu me distraio, teatro eu adoro, desde pequena, e a música eu gosto de tocar, cantar, de fazer qualquer coisa.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Menos gosto, aí fica difícil. De bagunça, de estragar as coisas, só. Porque se a gente estraga uma coisa no outro dia não tem.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Bastante computador, prá ninguém ficar brigando. Queria que tivesse mais classe, essas coisas, mais lápis prá escrever, livros novos para gente conhecer.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá um lugar bem bacana. Porque o CLIC é bacana também.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Eu daria... CLIC. Escolinha da PUC**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Eu convidaria meus amigos, convidaria minhas primas, meus colegas.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC

### **Entrevista 10**

**Nome: Kelvin**

**Idade: 8 anos**

**Série: 2<sup>a</sup> do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**

2. Por que você vem ao CLIC? **Pro que não tenho nada prá fazer em casa e aí minha mãe me botou e por causa que eu também achei legal da primeira vez que eu vim, aí eu comecei vir todos os dias.**

3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **De ler livros, das atividades e fazer computador. Porque no computador da prá fazer jogos e ler, só porque tem livros legal.**

4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Nada fessora. Eu gosto de tudo. É legal a senhora brinca com nós. O ano passado ela brincou também. É bem legal.**

5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Gostaria que tivesse mais de sete computadores, de ter um pátio pra nós brinca.**

6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Prá algum parque, assim fessora. Um parque de diversões, assim. Também lá é legal. Pra todo mundo se divertir**

7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **CLIC das Crianças.**

8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meu irmão, só que ele é pequeno.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº11**

**Nome: Thomaz**

**Idade: 9 anos**

**Série: 2ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Sim**
2. Por que você vem ao CLIC? **Por causa que eu gosto, acho legal. Os professor também são legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ler e brincar. Também desenhar, também quando a senhora pede para eu ler livro. Por causa é legal eu posso tá apreendendo**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Nada. Tudo é bom.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Mais mexer nos computadores, precisa ter mais por causa que nós só ficava brigando.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Não tenho idéia. Deixaria aqui mesmo porque é mais perto da minha casa. No mesmo lugar.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **O mesmo nome**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Kelvin, já convidei; uma amiga perto da minha casa, a mãe dela não deixa e meu irmão ele tanto quer vir.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### *Entrevista nº12*

**Nome: Gustavo Henrique**

**Idade: 8 anos**

**Série: 2ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque é muito legal e eu venho junto com minha irmã, às vezes.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Assim, mexer no computador, fazer desenho. Porque é muito legal se diverte.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Incomodar e ir embora. Porque é muito chato ir embora do CLIC.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Computador, que já tem. Mais computador.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Pra onde eu levaria? Eu levaria para o meu colégio pra mexer todos os dias.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Não lembro.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Muitas pessoas.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº13**

**Nome: Joice**

**Idade: 10 anos**

**Série: 3ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ir no computador. Porque acho mais legal.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **A biblioteca. Porque eu não gosto muito de ler.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Não sei.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Pra minha casa. Porque lá eu me sinto mais à vontade.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Nenhum.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **A Luana, a Jéssica.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº14**

**Nome: Katiusca**

**Idade: 10 anos**

**Série: 3ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Sim.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. Por que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Desenhar. Porque eu gosto muito de desenhar.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Bagunçar. Porque daí que eu bagunçar minha irmã não vai deixar mais eu vir.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Coisa que a gente pudesse mexer no computador a hora que a gente quisesse.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Pra minha casa. Porque eu acho o CLIC muito legal.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Não sei.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus primos e meus amigos, meus colegas, meus primos pequenos.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº15**

**Nome: Edna**

**Idade: 13 anos**

**Série: 4ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **É legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Mexer no computador. Porque gosto de mexer, de ver as pastas, de escrever, de desenhar, escrever um livro.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Na aula de quarta, de inglês. Porque não gosto.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Tivesse uma cancha e uma pracinha pra nós brincar.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Para outras cidades mais pobres, pra outras crianças que não estudam vir brincar aqui no CLIC pra apreender.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Não sei, professora.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Todos, os meus amigos, minha família e as crianças que andam na rua.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº16**

**Nome: Antieri**

**Idade: 8 anos**

**Série:2ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque é bom.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Eu gosto de ler livrinho e desenhar. Porque é muito bom e eu gosto e eu desenho sempre em casa.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Só não gosto de brigar. Porque é muito ruim, depois eu apanho do meu pai.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Tivesse mais computador, porque só tem um pouquinho de computador. Daí tem que trazer mais.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Eu levaria para alguma sala.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **O CLIC legal.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus irmãos, minhas prima, minhas amiga.**



## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### *Entrevista nº17*

**Nome: Bruna**

**Idade: 9 anos**

**Série: 2ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque é legal.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? Mexer no computador. Porque é bem legal.
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Nada.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Aula de espanhol.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Perto da minha casa. Porque daí eu não precisava subir tudo isso.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Oficina.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meu primo.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### **Entrevista nº18**

**Nome: Natanael**

**Idade: 10 anos**

**Série: 3ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já, desde os sete anos.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ler, escrever e mexer no computador. Porque é legal. Faço quase todos os dias no colégio. Aí de tarde eu não tenho nada prá fazer eu venho aqui no CLIC.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Gosto de fazer tudo. Não gosto de brigar, de bagunça. Isso não é coisa de menino educado.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Mais jogos.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Meu colégio. Lá só tem criança boa e é legal. Eles todos podiam conhecer o CLIC.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Fernando Gomes.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Três colegas meus.**

## Entrevista crianças da Oficina Biblioteca e Literatura do CLIC:

### *Entrevista nº19*

**Nome: Adriana**

**Idade: 11 anos**

**Série: 4ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já. Vim em maio.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Pra apreender mais coisas.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Apreender. Pra saber ler e estudar.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Brigar. Brigar não é boa coisa.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Mais computador.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Nenhum lugar. Tá bom aqui.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Não daria nenhum nome.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Minhas amigas, minhas primas e deu.**

**Entrevista crianças da Oficina Literatura e Biblioteca do CLIC:*****Entrevista nº20*****Nome: Bruno****Idade: 12 anos****Série: 6ª do Ensino Fundamental**

1. Você já conhecia o CLIC? **Já, no começo do ano.**
2. Por que você vem ao CLIC? **Porque eu gosto.**
3. O que você mais gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Jogar jogos e apreender um pouco mais.**
4. O que você menos gosta de fazer no CLIC? Por quê? **Ficar sem fazer nada. Porque é chato.**
5. O que mais você gostaria de ter no CLIC? **Tudo bem. Não falta nada.**
6. Se você pudesse levar o CLIC para algum lugar, para onde levaria? Por quê? **Minha escola. Porque os alunos iam aprender mais lá também.**
7. Se você pudesse dar outro nome ao CLIC, que nome daria? **Não sei.**
8. Quem você convidaria para o CLIC? **Meus pais.**